

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MARIA EDUARDA DE SOUSA

**O SENTIDO DOS JOGOS ESCOLARES PARA ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Florianópolis

2018

MARIA EDUARDA DE SOUSA

**O SENTIDO DOS JOGOS ESCOLARES PARA ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, como requisito para obtenção do título de
Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof^o Dr. Fábio Machado Pinto.

Co-orientador: Prof^o Fabrício João Milan

Florianópolis

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA/UFSC

CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - Habilitação: Licenciatura

Termo de Aprovação

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

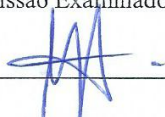
O SENTIDO DOS JOGOS ESCOLARES PARA ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Elaborado por

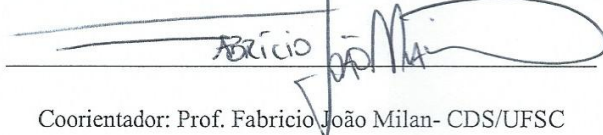
MARIA EDUARDA DE SOUSA

Como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física

Comissão Examinadora (Banca):



Orientador: Prof. Dr. Fábio Machado Pinto - MEN/CED/UFSC



Coorientador: Prof. Fabricio João Milan- CDS/UFSC

Examinador Titular: Prof. Dr. Francisco Emilio de Medeiros - CDS/UFSC

Examinador Titular: Prof. Jorge Rettich

Examinadora Suplente: Profª. Ms. Débora Vanusa Brandalise Machado – Rede Municipal de Ensino
de Florianópolis

Florianópolis, SC., 27 de novembro de 2018

Dedico este trabalho ao meu pai, minha mãe e minha irmã. Família.

AGRADECIMENTOS

Vivemos e aprendemos numa relação constante com o mundo, objetos e pessoas. Estas, por sua vez nos constituem, cada qual com seu particular que é de suma importância no meu saber-de-ser e na construção do meu projeto-de-ser.

Quero agradecer ao meu pai, **Luis** e minha mãe **Eliete** que me deram o dom da vida, me educaram de maneira formidável, e fizeram com que eu me tornasse quem eu sou hoje, formando meu caráter e minha dignidade. Foram de suma importância na trajetória do curso, me ajudando de todas as formas, desde financeira até espiritual. Gratidão. Minha irmã **Laise** também agradeço pela parceria, pela ajuda da sua maneira, pelas encrencas, por existir. Gratidão. Amo vocês.

Agradecer à turma 2014.2 sempre muito unida, passando por todo o curso sempre juntos. Tenho muito orgulho de fazer parte dessa turma. Agradecimento às minhas amigas **Laís, Paola**, em especial **Amanda**, que sempre estiveram junto de mim no curso, em trabalhos e provas. Amigas da UFSC para a vida. Gratidão. Amo vocês.

Agradecer à **Jéssica** que foi minha dupla de estágio e com a qual eu fiz a coleta de dados do presente trabalho, me ajudou muito na construção do projeto. Parceira para a vida que me acalmou em momentos desesperadores. Gratidão.

Agradecer à **Duda** que esteve comigo nas viagens para Garopaba, além de festas para relaxar, parceria em tudo. Na reta final leu meu trabalho e contribuiu, além de me acalmar quando eu estava sob pressão. Gratidão.

Agradecer ao meu namorado, **Carlos**, que entrou na minha vida no final do curso, mas foi de suma importância na construção deste trabalho, suporte emocional, espiritual, meu amigo e parceiro eterno. Te amo muito. Gratidão.

Agradecer ao meu orientador **Fábio** que esteve comigo desde a segunda fase do curso em âmbito de PIBID, após, estágios e por fim na construção do presente trabalho. 90% do meu aprendizado acadêmico se deram contigo, aprendizado este que vou levar para a vida, não somente acadêmica, que pretendo continuar. Também ao meu coorientador **Fabrcício** que ajudou na reta final do trabalho, mas foi de imensa contribuição. Gratidão.

Todos vocês foram muito importantes não só na construção do trabalho, mas também na minha formação profissional e pessoal.

Gratidão.

*“E um dia a gente cresce e conhece nossa essência e ganha experiência e aprende o que é
raiz, então cria consciência”*

Chorão, 2005.

RESUMO

A educação física como componente curricular ainda é pouco salientada nas escolas. O esporte ainda se mantém como conteúdo hegemônico das aulas e isso se cristaliza nas “Olimpíadas” da escola estudada. As modalidades, em sua maioria, mantêm o formato do esporte convencional, separado por gênero e enfatizando os mais habilidosos. Para entender a dimensão dessa escolha hegemônica esportiva no processo ensino-aprendizagem dos estudantes, o estudo se deu a partir de questionários aplicados com os estudantes das séries participantes dos jogos, para análise dos seus gostos e participação, bem como do sentido que os mesmos atribuem aos jogos. Assim, ao notar a potência do esporte nos resultados, busquei neste estudo entender a interiorização dos aspectos do mesmo na vida dos sujeitos, na formação do seu *habitus escolar* e seus efeitos nos jogos e nas aulas de educação física. A pesquisa foi de natureza qualitativa e quantitativa e quanto aos objetivos, método exploratório. Além dos questionários foi feita uma entrevista com um estudante com formação com vista para o esporte de rendimento. Os resultados da pesquisa mostram o gosto dos estudantes pelo esporte e uma possível relação com este por diversão e o lugar da educação física muitas vezes como recreação e lazer

Palavras chave: Escola, Jogos Escolares, Educação Física.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I – Questionários Válidos e Inválidos.

Gráfico II – Gênero

Gráfico III – Autodenominação

Gráfico IV – Você gosta das Olimpíadas na escola?

Gráfico V – O que você fez nas Olimpíadas do ano passado?

Gráfico VI – O que é mais importante nas Olimpíadas?

Gráfico VII – O que você gostaria que tivesse nas próximas Olimpíadas?

Gráfico VIII – O que você não gosta nas Olimpíadas?

Gráfico IX – O que você mais gosta nas Olimpíadas?

Gráfico X – Você teria alguma sugestão para as Olimpíadas deste ano?

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPP- Projeto Político Pedagógico

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PMF - Prefeitura Municipal de Florianópolis

CO - Comissão Organizadora

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	JUSTIFICATIVA	13
3	REVISAO DE LITERATURA	15
3.1	O LUGAR DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	15
3.2	O SENTIDO DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR ESPORTIVA	18
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
4.1	MODELO DO ESTUDO.....	21
4.2	SUJEITOS DA PESQUISA E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO.....	23
4.3	INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	23
4.4	PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	26
4.5	ANÁLISE DOS DADOS	27
5	RESULTADOS	28
6	O MÉTODO BIOGRÁFICO.....	38
6.1	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA.....	41
7	ANÁLISE E DISCUSSÃO	42
8	CONCLUSÃO.....	46
9	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física é uma disciplina curricular da educação básica cujo conteúdo é a cultura corporal. Dentre os elementos e conteúdos a serem trabalhados dentro dessa perspectiva encontra-se o esporte. Este, por ser uma produção histórica e cultural da humanidade, consegue penetrar na vida dos sujeitos de maneira concreta e formadora. O esporte enquanto conteúdo da educação física escolar, tema da cultura corporal, torna-se objeto de reflexão e estudo de escolares, mediados pelos professores através de uma metodologia diversificada e que busca superar o paradigma do desenvolvimento da aptidão física. (SOARES et al, 1994). A problemática acerca do ensino do esporte nas aulas de Educação Física considera o forte impacto deste na vida dos sujeitos, bem como a influência da mídia e o seu enaltecimento. Dessa forma, a compreensão do ensino do esporte se dá não apenas no desenvolvimento da técnica, mas também propiciar a seus praticantes uma vivência das mais diversas possibilidades do se-movimentar, transformando e ressignificando o esporte por meio da problematização e aumentando o seu repertório de movimento (KUNZ, 2016).

Ainda predomina nas aulas de Educação Física o paradigma esportivo e/ou da aptidão física, cuja ênfase recai no ensino das técnicas esportivas e no desenvolvimento da aptidão, onde prevalece a valorização dos mais habilidosos em detrimento dos ditos mais fracos. Ainda que esta abordagem tenha sofrido um desgaste em virtude das condições reais para que ela se efetive, o que a torna de certa maneira uma caricatura, algo improvisado e muitas vezes um simples “rolar bola”.

É a partir de perspectivas de emergência progressista que surgiram nos anos 90 que a Prefeitura Municipal de Florianópolis apresenta sua Proposta Curricular de Educação Física, problematizando o ensino do conteúdo esporte, bem como outras propostas nos mais diversos âmbitos e ciclos escolares, por meio de uma abordagem que considera quatro dimensões de ensino da cultura corporal: técnica, conceitual, ética, estética. Apresenta ainda propostas de conteúdo esportivo a serem ministrados em cada um dos ciclos do ensino. A proposta está disponível para que as escolas municipais elaborem seus Projetos Políticos Pedagógicos embasados na mesma. (FLORIANÓPOLIS, 2016.).

Tendo como referência a Proposta Curricular do município a escola onde realizamos nosso estudo construiu o seu Projeto Político Pedagógico, dando ênfase ao “Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas.”. Neste sentido, as “Olimpíadas” que acontecem anualmente na escola, costumam definir temas que buscam promover a interdisciplinaridade, um dos compromissos do seu PPP.

Os jogos que tomamos como objeto aconteceram durante quatro dias letivos da última semana de aula, antes das férias de julho. As turmas participantes foram do quinto ao nono ano dos períodos matutino e vespertino. Todavia, mesmo a proposta sendo interdisciplinar e mobilizando toda a escola, a hegemonia esportiva ainda é evidente. Antes e após a organização da semana da Olimpíada escolar, as aulas de Educação Física acontecem, em parte, em função dos jogos. Ou seja, adquirem por vezes um contorno, ainda que caricatural, de treinamento, de preparação para os jogos, e diante dessa situação percebe-se o sentido competitivo do esporte na vida dos sujeitos: docentes e discentes.

Na escola estudada esse viés é menos evidente que em outras, visto a sua proximidade com projetos da Universidade no âmbito escolar, com estágios e PIBID, por exemplo. O grupo gestor já começa a compreender a importância das aulas de Educação Física como disciplina curricular, e apenas após a proposta das modalidades dos jogos serem decididas, o/a professor/a de Educação Física começa a trabalhar algumas dessas modalidades nas aulas e de acordo com a necessidade da turma, visto que algumas turmas possam ter mais habilidade em uma modalidade do que outras. Além disso, nas aulas de Educação Física a turma cria e ensaia sua coreografia de dança e o/a professor/a também auxilia junto do/a professor/a regente.

Diante deste cenário, o objetivo geral da pesquisa foi analisar e compreender o sentido dos jogos escolares para estudantes do ensino fundamental e qual as relações estabelecidas com o mesmo. Por sua vez, os objetivos específicos foram refletir acerca da hegemonia do esporte na escola, nos jogos e nas aulas de educação física; compreender como se dá a participação dos estudantes nas Olimpíadas e qual a sua relação com a educação física, com os jogos e com os esportes e; analisar como o clima antropológico e sociológico pode interferir na relação e no sentido que os estudantes dão aos jogos e ao esporte. Nossa aposta epistemológica e metodológica demarca o estudo biográfico como uma ferramenta eficaz para se compreender o homem, o tempo presente e os sentidos produzidos em nossas relações.

2 JUSTIFICATIVA

A justificativa para este estudo parte da minha inserção no PIBID ocorrida entre os anos de 2015 e 2017, na escola estudada. Neste momento, ao me aproximar da escola pude compreender um pouco a realidade da mesma, qual seja, de instituição pública municipal que atende em média 550 escolares, residentes em sua maioria no bairro Pantanal, mas também em diferentes bairros circunvizinhos, bem como acompanhar a dinâmica das famílias, os problemas e alegrias do dia-a-dia pedagógico e, aos poucos, perceber o contexto no qual as Olimpíadas Escolares estavam inseridas, a formação dos sentidos do esporte e das aulas de educação física, objeto do presente estudo.

No PIBID pude, como dito, me inserir no cotidiano da escola, me familiarizar com a equipe gestora, ir conhecendo um pouco mais esse universo particular das escolas públicas (com inúmeras demandas) até o momento de começar a intervir pedagogicamente em algumas turmas. Concomitante a esse processo, realizei meu Estágio Curricular Supervisionado (ECS) obrigatório em Educação Física Escolar I e II, ampliando minha visão da escola pública, da educação básica e do lugar da Educação Física neste contexto, bem como procurando aprofundar os estudos teórico-metodológicos acerca das perspectivas pedagógicas.

Até o ano de 2012, as atividades e jogos esportivos, geralmente eram organizados pela equipe gestora da escola, com participação dos professores de Educação Física. Quando o PIBID e estágio supervisionado em Educação Física reiniciaram na escola, após dez anos de afastamento desta unidade, a participação dos acadêmicos bolsistas bem como dos estagiários e os supervisores, passou a dar novas formas e conteúdos à organização dos jogos esportivos, pois os mesmos participaram ativamente no planejamento e realização das atividades, principalmente nos dias de competições, arbitrando os jogos e acompanhando todas as atividades esportivas e culturais. Um exemplo foi em 2014, quando o PIBID trouxe para a escola o projeto da Copa de Futebol do Mundo Escolar (CFME), abordando o megaevento que estava sendo realizado no Brasil, qual seja, da Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014. Neste momento era preciso que a educação física, por ter o futebol como um conteúdo sempre presente em suas aulas, tematizasse criticamente esse megaevento, abordando pelo viés da problematização várias questões pertinentes ao dia-a-dia escolar em todas as turmas da unidade. Assim, realizou-se, naquele ano, uma proposta pedagógica interdisciplinar para as Olimpíadas que mobilizou toda a escola.

Por consequência, a organização dessa semana de jogos e atividades no ano de 2017 ficou por conta dos estagiários e PIBID, juntamente com o professor coordenador do

programa e dos professores de educação física da escola e posterior aprovação da equipe gestora. Dessa forma, no primeiro semestre daquele ano, propus a realização de um questionário acerca do assunto como forma de entender e analisar criticamente a participação dos estudantes nos jogos, avaliando a opinião deles em relação ao mesmo, para posteriormente serem organizadas as modalidades.

Além disso, o estudo tem grande relevância social, visto que a compreensão do mesmo tem importância para a comunidade escolar, uma quase unanimidade entre alunos e professores, mas que não apresenta nenhum estudo mais cuidadoso, acadêmico, que problematize a sua relevância pedagógica e cultural. Por outro lado, temos a hegemonia dos esportes nesses jogos, e como o estudante se relaciona com os mesmos, visto que os jogos mobilizam toda a escola e seu currículo na maioria das disciplinas. O esporte tem um caráter formativo importante, reprodutor da sociedade em que vivemos, na medida em que o trazemos para a escola de forma irrefletida atendendo seus princípios de sobrepujança e comparações objetivas. A partir desses pressupostos indagamos sobre qual concepção de educação da escola e a relação dos estudantes com os conhecimentos e saberes escolares: isso que forma em grande medida o sentido de suas escolaridades e dos seus diferentes saberes.

O presente estudo poderá contribuir para desvelar a formação destes sentidos, principalmente este relacionado ao esporte escolar. Uma contribuição não apenas para com a continuidade desta cultura de jogos escolares na unidade e em outras, mas também com relação as aulas de educação física, seu sentido para os escolares, como tempo, espaço e saber importante no projeto escolar. Compreender o sentido dos jogos e do esporte, amplia o campo de ação dos professores de educação física no momento do seu planejamento, na organização de suas aulas, na relação com os saberes, o ensino e seus alunos.

Já em âmbito científico destacamos que não foram encontrados muitos estudos que tratam cientificamente do fenômeno dos jogos escolares ou Olimpíadas, nem mesmo destes como um saber escolar relevante na formação dos alunos. Estudos como de Mascarenhas (2012), Arantes, Martins e Sarmiento (2012), Frizzo (2013) e Medeiros et al (2012) falam sobre o esporte de rendimento na escola e o tratamento deste nos jogos e nas aulas de educação física, porém não são suficiente para a compreensão do sentido que os estudantes dão aos jogos. Este estudo revela sua importância para futuras formações acadêmicas, inicial ou continuada, bem como para as próprias escolas poderem contextualizar, refletir, problematizar, reavaliar e recriar seus conceitos e métodos acerca da temática. Além disso, o estudo também proporciona uma reflexão para os próprios professores de educação física e de outras áreas, organizadores ou não dos jogos em suas escolas.

3 REVISAO DE LITERATURA

3.1 O LUGAR DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física escolar “[...] é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal.” (SOARES et al., 1994, p. 61). Dentre os elementos e conteúdos a serem trabalhados dentro dessa perspectiva, encontra-se o esporte. Este, por ser uma produção histórica e cultural da humanidade, consegue penetrar na vida dos sujeitos de maneira concreta e formadora. Segundo Soares et al. (1994, p. 71) “se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria”. A problemática acerca do ensino do esporte nas aulas de Educação Física considera o forte impacto deste na vida dos sujeitos, bem como a influência da mídia e o seu enaltecimento. O predomínio nas aulas de Educação Física do paradigma esportivo e/ou da aptidão física, cuja ênfase recai no ensino das técnicas esportivas e no desenvolvimento da aptidão, onde prevalece a valorização dos mais habilidosos em detrimento dos ditos mais fracos, já foi hegemônico durante o período militar e resiste enquanto concepção pedagógica, retornando na forma das competências e habilidades na recente Base Nacional Comum Curricular (Portaria MEC - 1570 de 20/12/17). Trata-se de uma perspectiva que vem sendo analisada e criticada desde os anos 1990, onde temos a emergência do campo progressista, como por exemplo, o paradigma da cultura corporal e de movimento visando superar não apenas os modelos de aula tradicional, mas também os pressupostos relacionados à concepção de homem e sociedade subjacentes, colocando em questão o lugar central que o esporte ocupa nas aulas de Educação Física.

Nesta perspectiva, surgem autores como Kunz (2016, p. 76), para quem “o objeto de ensino da educação física é, assim, não apenas o desenvolvimento das ações do esporte, mas propiciar a compreensão crítica das diferentes formas da encenação esportiva [...]”. Neste mesmo campo e como forma de pensar o lugar do esporte nas aulas de Educação Física, Soares et al (1994, p. 70) propõe uma reflexão sobre “o sentido de esporte ‘na’ e ‘da’ escola.” É com referência nestes autores, entre outros, que a Prefeitura Municipal de Florianópolis apresenta sua Proposta Curricular de Educação Física, tematizando e problematizando o ensino do conteúdo esporte, bem como outros saberes, nos mais diversos ciclos escolares e em quatro dimensões a saber: *técnica, conceitual, ética e estética*. (Proposta Curricular PMF, 2016)

A escola, por ser instituição social de ensino de “códigos e funções”, como nos indica Vago (1996), tem relativa autonomia e liberdade para eleger seu projeto político pedagógico face às exigências normativas, mas também aquelas que a sociedade de uma forma ou de outra, lhe cobra. Segundo Nogueira e Nogueira (2009), interpretando a sociologia de Pierre Bourdieu, a escola faz-se reprodutora na medida em que exalta e reproduz, permanentemente, a cultura da classe ascendente, o que denomina de arbitrário cultural. Quando esta cultura é mantida na escola como cultura legítima e colocam-se todos os alunos num mesmo patamar diante dela, deixando de lado a desigualdade social existente entre as crianças, propagando a ideia de que promove a igualdade de chances, temos aí o que ele denomina “violência simbólica”, uma violência contra os estudantes e famílias de origem social popular que, muitas vezes, não têm acesso aos capitais que a classe ascendente possui.

Os capitais que Bourdieu se refere são o econômico, cultural, social e simbólico. O capital cultural, o de mais difícil acesso, é aquele que a escola, por vezes, privilegia, e desemboca na violência simbólica. Nesse contexto, a escola então, reproduz e legitima as desigualdades preexistentes. Todo esse cenário dificulta o aprendizado dos alunos que sofrem essa violência. Uma boa pergunta diz respeito ao lugar que ocupa a Educação Física e seus conteúdos neste contexto. Pois, o domínio dos esportes e demais práticas corporais, parece ser um dos poucos que permite mobilidade social das classes populares, com as promessas relacionadas, sobretudo a indústria cultural. Sabemos que o esporte, é lugar por excelência da meritocracia, que cria um clima de igualdade de chances quando favorece e privilegia os mais fortes e mais habilidosos, em detrimento das equipes e atletas mais fracos, menos capazes. Um lugar onde predomina os valores da sobrepujança, contando com a vitória a todo e qualquer custo.

A história da Educação Física é marcada pela “influência de duas instituições: a militar e a esportiva.” (VAGO, 1996, p. 5). Com isso, em âmbito antropológico, o esporte tem seu lugar demarcado. Além de na história ele estar presente em momentos estratégicos e que marcaram, a mídia também tem seu papel relevante na disseminação do mesmo. Visto estar inserido numa sociedade de produção capitalista, ser ele mesmo produto dessa sociedade, ele é parte integrante dos processos de mercantilização, que vão desde materiais, acessórios e uniformes até os próprios atletas vendidos por valores altíssimos, transformados em mercadorias, reificados. Por ser um fenômeno da humanidade, visto que a cultura se produz por humanos, o esporte está inserido na sociedade na qual vivemos. A escola, por sua vez, não está descolada ou isolada da sociedade, e por isso, pode ensinar o esporte o tomando como um dos mais importantes conteúdos, principalmente nas aulas de Educação Física. Contudo, as

abordagens do esporte na escola e na Educação Física são distintas, mesmo porque se inscrevem em distintos projetos de sociedade e de formação humana.

Na perspectiva da cultura corporal, os conteúdos da Educação Física escolar “Jogo; Esporte; Capoeira; Ginástica e Dança. [...] surgem de grandes temas e podem ser vistos quase como uma grande e abrangente classificação, suscetível de ser sistematizada em nível escolar [...]” (SOARES et al., 1994, p. 64). Com isso,

[...] o Esporte, enquanto tema da cultura corporal, é tratado pedagogicamente na Escola de forma crítico-superadora, evidenciando-se o sentido e o significado dos valores que inculca e as normas que o regulamentam dentro de nosso contexto sócio-histórico. (SOARES et al., 1994, p.40).

Porém, é preciso refletir acerca de como este esporte está sendo tratado pedagogicamente, pois a Educação Física está frequentemente se subordinando ao esporte e fazendo deste o único conteúdo dela “[...] poder-se-ia dizer que a influência do [...] esporte não foi/é selecionada [...] por um código próprio da Educação Física, o que demonstra sua falta de autonomia [...]” (BRACHT, 1997, p. 22). Ainda segundo o mesmo autor, “temos então, não o esporte da escola, e sim o esporte na Escola, o que indica sua subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva.” Quando o autor escreve “esporte na escola” automaticamente já inviabiliza o “esporte da escola”, pois temos o esporte como fenômeno cultural e hegemônico, e a escola por sua vez reproduz, mesmo que sem perceber tal reprodução. Vemos a crise de identidade da Educação Física explícita nesse contexto, quando nos deparamos com a falta de legitimidade da mesma e o paradoxo da Educação Física, pois ela “[...] conquista a sua legitimidade pedagógica na medida em que perde a sua autonomia pedagógica. Servir a indústria do esporte, transmitindo os seus códigos e valores [...]”. (VAGO, 1996, p. 8).

Porém, a história do esporte vinculado à Educação Física ainda está fortemente demarcada e o embate entre projetos continua. Utilizado politicamente como forma de controle durante a ditadura, por exemplo, ele se mantém até os dias atuais como conteúdo hegemônico da educação física escolar, perpetuando os conceitos, códigos e funções daquela época, instaurados, já que escola não se mantém alheia a esse processo. Assim, o esporte

[...] penetra por seus portões, é praticado em seus espaços e em seus tempos, consolida-se como conteúdo da Educação Física [...], é por esse processo histórico que se tem o ‘esporte na escola’ [...] (VAGO, 1996, p.10).

Mantendo, assim, o conteúdo hegemônico do esporte de rendimento nos moldes da sociedade, a escola e a Educação Física mantêm o sistema de reprodução do arbitrário cultural, citado por Nogueira e Nogueira (2009), segundo Bourdieu. Para Vago (1996, p. 10), mais do que criar-se um ‘esporte da escola’ em lugar de um ‘esporte na escola’, dever-se-ia “avançar no sentido de construir uma relação de tensão permanente entre eles”. Nesta relação de tensão permanente, percebemos um movimento dialético, onde após, é produzido a síntese. Têm-se daí, momentos para discussão acerca do espaço do esporte na Educação Física.

Na maioria dos estudos vimos que o esporte é tratado como uma produção cultural e que incide sobre os escolares, produzindo sentidos e significados que vão desde a alienação a formação esportiva precoce, passando pela produção de sonhos distantes ou irrealizáveis, como o de ser um jogador profissional milionário e com reconhecimento internacional. Contudo, temos acompanhado um intenso processo de reconstituição da área de ensino de educação física, através de inúmeras experiências de ensino bem sucedidas do esporte e de outras práticas corporais. Este projeto rivaliza constantemente com aqueles que estão presentes não apenas na cultura infanto-juvenil escolar como também entre os funcionários e professores, adultos, que participam das mais diferentes formas da educação escolar, o que inclui os cuidados e a educação do corpo na escola.

3.2 O SENTIDO DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR ESPORTIVA

Os estudos de Bernard Charlot (2000) contribuem para uma compreensão antropológica do sujeito e sua relação com a escolaridade. Charlot mostra um conjunto de pesquisas realizadas por sua equipe na França e em outros países, em que toma por objeto diferentes situações de sucesso e fracasso escolar e a experiência dos escolares e professores engajados em processos de ensino e aprendizagem. Para ele “o ‘fracasso escolar’ não existe; o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso [...]” (CHARLOT, 2000, p. 16). Dessa forma, o fracasso escolar não é uma coisa, um objeto pesquisável, “É também uma experiência que o aluno vive e interpreta” (CHARLOT, 2000, p. 17).

A psicologia utilizada e que dá suporte a sua sociologia é a histórico cultural, ainda que dialogue permanentemente com uma psicanálise lacaniana. Contudo, a concepção de

homem presente nos seus estudos ressalta “um ser inacabado”, em constante transformação. Diferentemente de outros animais, o ser humano precisa ser educado, justamente por ser um eterno “vir-a-ser”, define-se ao longo de sua história. Ao nascer o indivíduo se inscreve numa história que já vem sendo escrita por outros da sua espécie e a partir disso irá então, ter suas relações contribuindo também na história. Educar-se é tornar-se humano e “a essência humana [...] neste sentido, para Charlot, tal qual no marxismo, é o conjunto das relações sociais.” (CHARLOT, 2000, p. 52). Por meio da educação pode-se perceber que “[...] a essência originária do indivíduo humano não está dentro dele mesmo, mas sim fora, [...] no mundo das relações sociais.” (CHARLOT, 2000, p. 52). Nessas relações é promovida a educação. Ainda segundo o mesmo autor (2000, p.52) “a educação é essa apropriação [...] de uma essência excêntrica do homem.”. O homem está sempre se apropriando, então, dessa educação, um eterno vir-a-ser e um ausente de si mesmo. Essa carência, ausência de si mesmo, provoca o seu desejo, que está fora, nas relações, um objeto no mundo para o qual o sujeito se move. Essa ausência de si mesmo mantém a dinâmica do desejo, pois se o ser humano alcançasse o seu desejo, isso o aniquilaria, visto que esse permanente movimento em busca do desejo é o que faz o homem viver suas relações e ser sujeito no mundo, modificando e sendo modificado pelo mesmo.

Para tal, aprender é “um triplo processo de hominização (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade) [...]” (CHARLOT, 2000, p. 53).

A noção de relação com o saber, que preconiza o estudo da experiência, portanto, se utiliza destas ferramentas conceituais produzidas pela psicologia histórico cultural: *mobilização, sentido, atividade*. O estudo do sentido, neste caso, contribui para compreensão do que faz com que os estudantes se mobilizem a ir para escola, a estudar, como também, em participar dos jogos escolares e competir. Quais os móveis desses sujeitos e sua meta.

A educação se dá desde que o sujeito sinta-se parte daquele mundo e aceite ser educado. Para tal, deve “haver atividade, a criança deve mobilizar-se. Para que se mobilize, a situação deve apresentar um significado para ela.” (CHARLOT, 2000, p. 54). Esse movimento se dá pelo desejo que incorpora o sujeito e o faz querer alcançar um objetivo. Para Charlot (2000, p. 54), “[...] mobilização implica a idéia de movimento, [...] mobilizar-se é pôr-se em movimento.” Portanto, a mobilização, diferente da motivação, é um processo que vem de dentro, o sujeito se sente mobilizado de dentro das relações que tece para alcançar o seu desejo, que se encontra fora, nas relações. Porém, esses dois conceitos de mobilização e motivação podem convergir na medida em que “[...] eu me mobilizo para alcançar um

objetivo que me motiva e que sou motivado por algo que pode mobilizar-me.” (CHARLOT, 2000, P. 55.).

Pensando na educação física escolar, o sujeito entra na atividade, que são “[...] o conjunto de ações propulsionadas por um móbil que visam uma meta” (CHARLOT, 2000, p. 55.). Ou seja, o sujeito deve sentir-se motivado e mobilizar-se para entrar na atividade, realizar suas ações e prever uma meta a partir dela. A meta, então “[...] é o resultado que essas ações permitem alcançar.” (CHARLOT, 2000, p. 55.). O que faz com que o sujeito se mobilize, entre na atividade com suas ações em busca de uma meta, e “o móbil, que [...] é o desejo que esse resultado permite satisfazer e que desencadeou a atividade.” (CHARLOT, 2000, p. 55).

A partir desses conceitos, entendemos sentido como “[...] sentido de um enunciado, produzido pelas relações entre os signos que o constituem, signos esses que têm um valor diferencial em um sistema.” (CHARLOT, 2000, p. 56). Sentido é diferente de significado, este é produzido socialmente, por exemplo, uma chave tem o mesmo significado a todos, o de abrir cadeados, mas um sentido singular para cada um, que pode mudar no decorrer da história do sujeito. O sentido se dá nas relações, algo tem sentido quando é possível visar a meta da atividade. Segundo Charlot (2000), para Leontiev, o sentido de uma atividade é a relação entre a meta e o móbil.

O sujeito, por sua vez, para tornar-se tal deve aprender. E há duas formas de aprender: os saberes escolares, como gramática, cálculo, “mas, aprender pode ser também dominar um objeto ou uma atividade” (CHARLOT, 2000, p. 59). Dessa forma, aprender está também nas relações e é mais complexo do que saber. “Aprender é uma atividade de apropriação de um saber que não se possui” (CHARLOT, 2000, p. 68). O saber não é apenas o intelectual, a Razão, é, portanto, mais amplo. “A razão é uma forma de relação como o mundo que constantemente se reveste de outras formas, que não pertencem ao domínio da Razão: atrás do sujeito de saber, a análise traz à tona as outras dimensões do sujeito”. (CHARLOT, 2000, p. 60). Para entendermos o sujeito de saber, por sua vez, “é preciso apreender sua relação com o saber” (CHARLOT, 2000, p.61). O saber é “uma informação que o sujeito se apropria [...] é também conhecimento [...] e é uma informação disponível a outrem.” (MONTEIL apud CHARLOT, 2000, p. 61). “Em outras palavras, a ideia de saber implica a de sujeito, de atividade do sujeito, de relação do sujeito com ele mesmo, [...] de relação desse sujeito com os outros.” (CHARLOT, 2000, p. 61). Dessa forma, pode-se entender o saber como uma relação e que há diferentes tipos de saber.

Assim, esta noção nos ensina a olhar para atividade dos alunos tanto quanto para a elaboração que fazem deste conjunto de relações com a escola, com as disciplinas e seus conteúdos. Ensina também a compreender o escolar na relação com temporalidade, com uma história de relações que tem origem no grupo familiar, mas que se amplia na medida em que vai constituindo outros grupos, cada qual com sua presença na forma de um passado, mas também presente e com projeções, concebendo o homem como inacabado e em permanente realização, que alcançam um futuro por realizar, devir. A educação é caracterizada como um triplo processo: um movimento antropológico de humanização, como um conjunto de processos sócio-culturais e como um confronto de saberes específicos, com práticas sociais determinadas.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 MODELO DO ESTUDO

O estudo se deu, inicialmente, a partir de questionários aplicados com os estudantes das séries participantes dos jogos anteriores, para análise dos seus gostos e participação, bem como do sentido que os mesmos atribuem aos jogos. Assim, ao notar a potência do esporte nos resultados, buscamos neste estudo entender a interiorização dos aspectos do mesmo na vida dos sujeitos, na formação do seu *habitus*¹ e seus efeitos nos jogos e nas aulas de Educação Física. Entendemos que a escola como instituição de formação deve ofertar a seus estudantes o:

[...] conhecimento que permita aos alunos criticá-lo dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-cultural. Esse conhecimento deve promover, também, a compreensão de que a prática esportiva deve ter o significado de valores e normas que assegurem o direito à prática do esporte. (SOARES et al. 1994, p. 71).

Além dos questionários, também foi realizada entrevista com um estudante do nono ano do período matutino, procurando estabelecer uma leve camada sobre a biografia deste escolar e compreender preliminarmente como vai se formando o sentido esporte vinculado ao seu projeto e desejo de ser jogador de futebol. Assim, a partir das respostas dos questionários

¹*Habitus*, segundo Bourdieu (1983, p. 60) *apud* Nogueira (2009, p. 27) é um sistema de disposições duráveis estruturadas de acordo com o meio social dos sujeitos e que seriam predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, princípio gerador e estruturador das práticas e das representações.

buscamos compreender o sentido que os estudantes dão aos jogos e sua relação com os mesmos, numa abordagem quantitativa partindo das respostas e noutra qualitativa compreendendo o clima antropológico e sociológico no qual se dá essa relação, partindo da entrevista. As respostas foram tabuladas em planilha Excel e categorizadas de acordo com as mesmas, não tendo dessa forma categorias pré-estabelecidas. O estudo buscou também compreender os gostos dos estudantes e como eles se relacionam com os jogos, para organização dos jogos subsequentes, bem como de obter uma visão dos estudantes acerca desta temática que não foi encontrada em grande escala na literatura.

Assim, a pesquisa foi de natureza qualitativa e quantitativa e quanto aos objetivos, método exploratório. Qualitativa na medida em que ela busca explicar o porquê dos resultados e compreender suas dimensões e quantitativa na medida em que trazemos dados métricos e o raciocínio dedutivo. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Assim, se entrecruzam aqui os métodos dedutivo e indutivo, por meio de estudos que circunscrevem o grupo antropológico onde se inscreve uma biografia para compreendê-la e, através do estudo biográfico aprofundamos o estudo e compreensão do tempo presente. Para tanto, lançamos mão de questionário aplicado a uma população mais geral analisando o fenômeno de forma horizontal para posterior estudo vertical, por meio de entrevista semi-estruturada com objetivo de compreender a formação sentido do esporte em um escolar com perfil de atleta de futebol. Na demarcação dos objetivos da pesquisa nos situamos em sua fase exploratória, estaque:

[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (GIL, 2008, p. 27).

Como forma de quantificar a pesquisa foram analisados os dados obtidos através de um questionário aplicado no mês de abril com os discentes do fundamental II e, após, mensuradas suas respostas. Tem-se por questionário

[...] a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 121).

De maneira geral, o questionário possibilita segundo Gil (2008, p. 122) “[...] atingir grande número de pessoas, [...] implica menores gastos com pessoal”, dentre outras vantagens. Já como desvantagens, o mesmo autor (p. 122) cita:

[...] exclui as pessoas que não sabem ler e escrever, o que, em certas circunstâncias, conduz a graves deformações nos resultados da investigação, [...] não oferece a garantia de que a maioria das pessoas devolvam-no devidamente preenchido.

4.2 SUJEITOS DA PESQUISA E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

A população do estudo foi os alunos da escola, em média de 520 crianças. A amostragem foi por acessibilidade, onde “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios.” (GIL, 2008, p. 94), onde o critério de seleção da amostra foram os estudantes das turmas de 6º ao 9º ano, dos períodos matutino e vespertino tirando os 5º anos dos dois turnos, que ainda não haviam participado nenhuma vez dos jogos, não sendo elegíveis a responder. Dessa forma, a amostra foi de 254 estudantes de ambos os gêneros.

4.3 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

No período da pesquisa a escola encontrava-se em processo de reforma, tendo alguns espaços como quadra aberta poliesportiva, salas de aula, sala informatizada e biblioteca já reformados e ginásio poliesportivo interditado, com previsão de reforma. Com o ginásio interditado, os espaços para as aulas de educação física ficaram limitados à quadra, sendo que a escola possui dois professores de educação física, que fazem um revezamento do espaço. Em dias de chuva, não somente, pode-se utilizar o auditório, corredores, sala de aula e sala informatizada, muitas vezes mudando o planejamento.

Em relação aos espaços, a escola possui uma sala de almoxarifado onde se encontram os materiais de educação física e de apoio pedagógico. Os materiais de educação física foram organizados pelos estagiários e possui: 6 jogos de taco, 12 raquetes de tênis de mesa + 10 bolas de tênis de mesa, 4 raquetes de frescobol + 1 bola de frescobol, 5 raquetes de mini tênis, 14 pares de chinelões de madeira, 25 bolas de vôlei + 8 bolas de vôlei infantil, 3 sacolas de

coletes vermelhos, 2 sacolas de coletes azuis, 6 coletes amarelos, 1 sacola com 12 camisetas vermelhas, amarelas e verdes, 4 frisbees, 5 pranchas de surf, 5 cones, 5 piões, 5 bolas de futsal + 1 bola de futsal mirim, 25 bolas de basquete, 7 jogos de pula-corda, 1 pano grande, 3 petecas, 1 luva de baseball, 16 bolas dente de leite, 1 sacola de bola de borracha, 8 bolas de handebol, 3 redes de vôlei, 3 bombas de encher bola, 3 redes de vôlei infantil, 1 jogo de boliche, 4 bolas de futebol, 1 saco com muitas bolas de pano com guizo, 3 redes de futsal, 1 jogo de amarelinha, 1 bola de ginástica, 3 sacos para carregar bolas, 2 redes de basquete, 16 jogos de corda, skates, tapetes, almofada, além dos materiais pedagógicos, como cartolinas, tesouras, lápis de cor, cola, dentre outros, que também podem ser utilizados nas aulas de educação física, visto uma reserva antecipada na secretaria da escola. Podemos constatar que há uma variedade de materiais, adquiridos através da Secretaria de Educação do Município de Florianópolis, bem como o PIBID também contribuiu na compra de alguns materiais.

Na escola acontece, anualmente, as “Olimpíadas”, que são jogos entre as turmas do ensino fundamental II, que consiste do 5º ao 9º ano. No ano de 2017 as Olimpíadas completaram 27 anos, tendo sido reformulada por diversas vezes em sua trajetória. Em conversa com professores efetivos que estão há mais tempo na escola, constatamos que inicialmente, os jogos tinham um caráter de gincana, envolvendo toda a comunidade escolar com provas como trazer um ex-aluno aos jogos ou um professor aposentado, resolução de problemas matemáticos, dentre outros, e as turmas eram misturadas, ou seja, todas as crianças de qualquer idade uniam-se para formar um grupo para a gincana, não era separado por turmas.

Atualmente, as modalidades esportivas que comumente aparecem são futsal, vôlei, handebol e basquete, seguidas de dança, pique-bandeira e queimada, sendo estas últimas, mistas. A dança consiste em uma coreografia criada e organizada pelos próprios estudantes, com ambos os gêneros e a partir do tema proposto para os jogos. Os grupos de estágio e PIBID educação física, responsáveis pela organização, juntamente com a equipe pedagógica, ainda propõem uma interdisciplinaridade no período pré-jogos, visto que, além dos jogos em si, há também uma preparação para tal, não apenas de organização e treinamento das equipes, mas também de estudos em sala com os professores regentes acerca da temática do ano relacionada aos jogos.

Cada turma escolhe um tema e nome para sua equipe de acordo com o tema geral das Olimpíadas, escolhido pela comissão organizadora. Um exemplo do trabalho feito antes foi nos jogos de 2014, com a temática da Copa do Mundo: cada turma escolheu um país, que perpassou todas as disciplinas um estudo desse país. O tema geral é de cunho e com

relevância social para a formação das crianças, visto as características e cultura da comunidade do entorno, o momento político encontrado no país que, do ponto de vista dos professores e equipe organizadora tem sua importância na vida dos sujeitos. Além dos jogos em si, há também, a cada ano, um gênero textual diferente a ser produzido de acordo com o tema geral, como por exemplo, o gênero poesia, para ser feito a partir do tema Esporte Olímpico, a ser apresentado na abertura dos jogos.

As tabelas dos jogos são feitas pelos professores de educação física da escola, sendo separadas as disputas de 5º e 6º anos dos 7º, 8º e 9º anos, visto uma diferenciação biológica e fisiológica nas idades, bem como nas modalidades mais populares como futsal, handebol e basquete, que são separadas por gênero. As modalidades vôlei, pique-bandeira, dança e queimada, são mistas. Essas modalidades não foram todas contempladas em todos os jogos, devido ao tempo e número de pessoas participantes da organização, com o intuito de não sobrecarregar nenhum profissional. Ou seja, há uma escolha entre pique-bandeira ou queimada, e basquete ou handebol. Nos jogos de 2017, após aplicação de questionários, foram escolhidos pique-bandeira e handebol. Cada modalidade soma pontos de acordo com a colocação da equipe e ao final há uma turma como grande vencedora de toda a Olimpíadas. Durante os jogos a equipe pedagógica e professores ficam responsáveis pelo cuidado e organização dos estudantes e os professores de educação física arbitram os jogos. Estes acontecem em dias letivos e os professores estão presentes, sendo o regente de cada turma o “técnico”.

Dessa forma no ano de 2017, eu como participante do PIBID educação física, fazendo parte da comissão organizadora dos jogos sugeri a aplicação de questionários com os estudantes que já haviam participado de jogos anteriores.

A elaboração do questionário se deu em âmbito do PIBID e estágio supervisionado em educação física I, nas reuniões que aconteciam semanalmente. O objetivo do questionário foi buscar compreender o sentido que os estudantes dão aos jogos, bem como uma tentativa de aprimoramento das Olimpíadas daquele ano, utilizando as respostas como embasamento para a organização. Houve uma colaboração da professora de educação física da escola na elaboração inicial das perguntas, bem como do professor supervisor e dos estagiários. O que queríamos investigar, inicialmente, eram as preferências dos estudantes em relação às modalidades e seus objetivos ao participar dos jogos. A equipe pedagógica da escola juntamente com a diretora, participava das reuniões que tinha como pauta os jogos.

4.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Após elaboração inicial, foi aplicado um questionário “piloto” numa turma do sexto ano, denominada 61. A escolha da turma se deu, pois havia uma dupla de estagiários do grupo na turma, e dessa forma tornava-se mais fácil a comunicação com eles para a escolha de um horário para a aplicação. A aplicação do questionário nessa turma como pré-teste teve como objetivo “[...] evidenciar possíveis falhas na redação do questionário, tais como: complexidade das questões, imprecisão na redação, desnecessidade das questões, constrangimentos ao informante, exaustão etc.” (GIL, 2008, p. 134).

O questionário continha seis questões fechadas, como mostra o Anexo I. As questões eram acerca do que eles mais gostavam, do que não gostavam, o que gostariam que tivesse, além de questões de autodenominação e gênero. Dessa forma, o questionário “piloto” foi aplicado numa aula da dupla de estágio, e durou em média quinze minutos para os estudantes responderem. Durante a aplicação houve algumas dúvidas das crianças acerca das questões em relação à interpretação. Após esse teste o questionário foi reelaborado. Foram mantidas as questões norteadoras do questionário, como o que mais gosta, o que não gosta e o que gostaria que tivesse, porém, 2 questões fechadas e as outras 5 abertas. Temos as perguntas abertas como:

[...] aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente. (CHAER; DINIZ; RIBEIRO; 2011, p. 262).

Ainda segundo Chaer, Diniz e Ribeiro (2011, p. 262) questões fechadas são aquelas que trazem “alternativas específicas para que o informante escolha uma delas. Têm como aspecto negativo a limitação das possibilidades de respostas, restringindo, pois, as possibilidades de manifestação do interrogado”. Visto o exposto, a escolha pela maioria das questões serem abertas se dá a partir do pressuposto de liberdade de resposta dos estudantes para que os mesmos pudessem se manifestar de maneira livre, e assim, obter as respostas mais abrangentes possível. Para a formulação das questões levamos em consideração algumas normas citadas por Gil, sendo elas:

- a) as perguntas devem ser formuladas de maneira clara, concreta e precisa;
 - b) deve-se levar em consideração o sistema de referência do interrogado, bem como o seu nível de informação;
 - c) a pergunta deve possibilitar uma única interpretação;
 - d) a pergunta não deve sugerir respostas;
 - e) as perguntas devem referir-se a uma única idéia de cada vez.
- (2008, p. 126).

Assim, nos dias 18 e 19 de abril de 2017 foram aplicados os questionários com as turmas do sexto ao nono ano dos turnos matutino e vespertino. Cada questionário continha um código que seguia a ordem da chamada. Assim, foram entregues de acordo com a chamada e os questionários daqueles que faltaram foram separados. Dessa forma, é possível ter acesso à criança de cada questionário, possibilitando uma pesquisa mais vertical. Na primeira turma na qual foi aplicado o questionário houve erro na entregue dos questionários e os códigos não condizem com a chamada. O horário de aplicação do questionário foi decidido em conversa com a diretora da escola, que permitiu no horário após o recreio nos dois turnos, avisando os professores previamente sobre a referida aplicação.

Após aplicação, as respostas foram computadas para uma avaliação inicial em relação às preferências para auxiliar na escolha das modalidades dos jogos daquele ano. Nos anteriores tinha as modalidades futsal e vôlei misto. Já no questionário as modalidades que mais apareceram como “modalidades que gostaria que tivesse nos jogos” foram futsal e handebol. Durante as reuniões da CO que organizava os jogos, houve um episódio onde a turma do nono ano do período vespertino organizou um abaixo assinado, dividido por turma, pedindo para que tivesse a modalidade vôlei. Porém, tendo em vista as respostas dos questionários, onde a minoria pedia vôlei, houve uma discussão no grupo, onde alguns defendiam o fato de um abaixo assinado ser um movimento estudantil de importância a ser analisado e respeitada a vontade dos estudantes, e outro que defendia o fato de o abaixo assinado não ser legítimo, tendo em vista assinaturas repetidas. Assim, reunimos os estagiários e professores de educação física e fomos às salas que haviam assinado para perguntar qual modalidade preferiam entre vôlei e handebol, e apenas a turma do nono ano, optou por vôlei. Após essa votação, ficou decidida a modalidade de handebol.

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Gil:

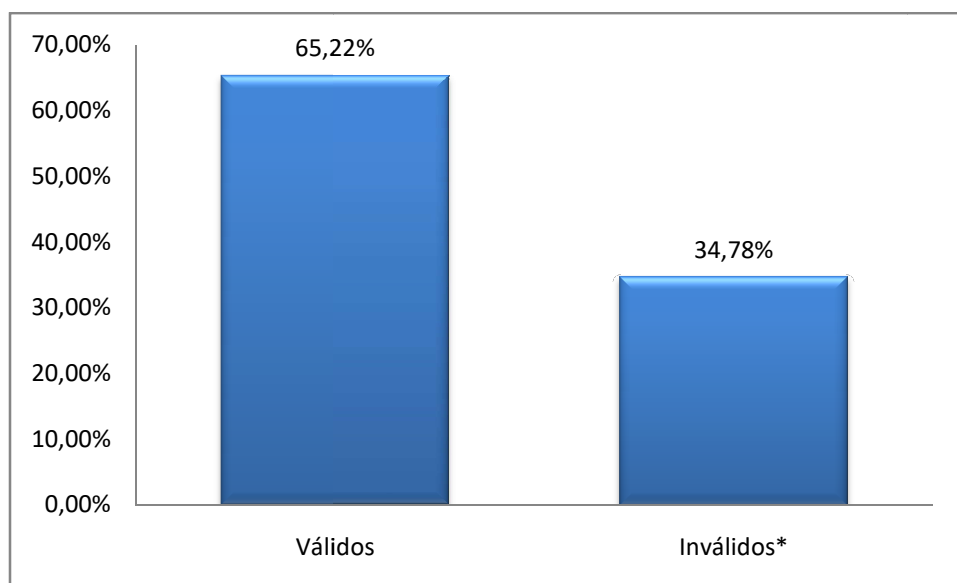
A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos. (2008, p. 156).

Visto que a pesquisa não teve hipóteses iniciais “torna-se conveniente selecionar uma amostra das respostas obtidas e a partir daí construir hipóteses que sirvam de princípio de classificação.” (GIL, 2008, p. 157). Dessa forma, a partir das respostas obtidas foram criadas as categorias de análise que chamamos de categorias nativas, visto que foram criadas a partir das respostas. Após aplicação, as respostas foram computadas numa planilha Excel para uma avaliação inicial em relação às preferências para auxiliar na escolha das modalidades dos jogos daquele ano.

5 RESULTADOS

O total da amostra eram 254 estudantes entre o sexto e nono ano dos turnos matutino e vespertino. Do total respondido, 165 foram válidos para a pesquisa, 88 não foram avaliados, como mostra o Gráfico I.

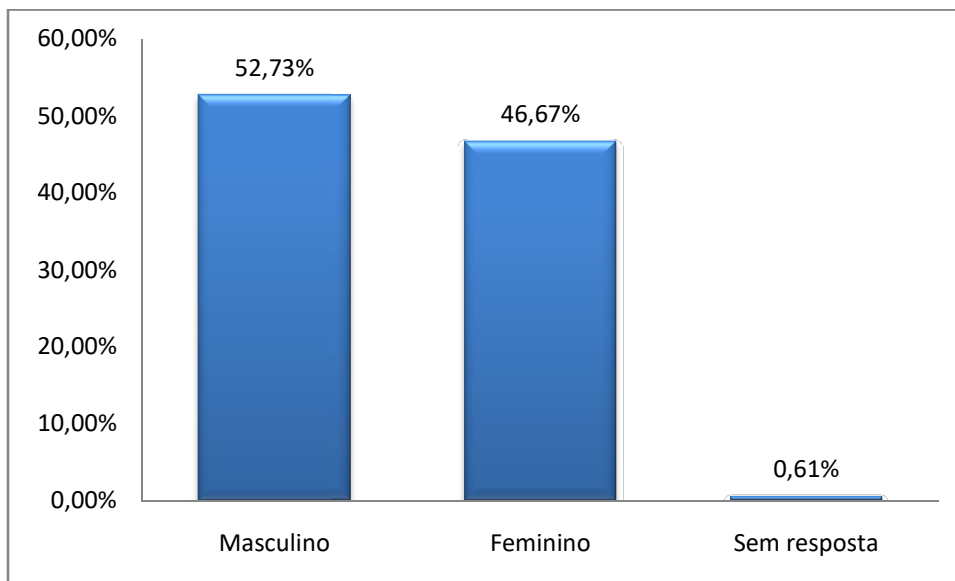
Gráfico I. Questionários Válidos e Inválidos



*Inclusos os não respondidos devido à falta.

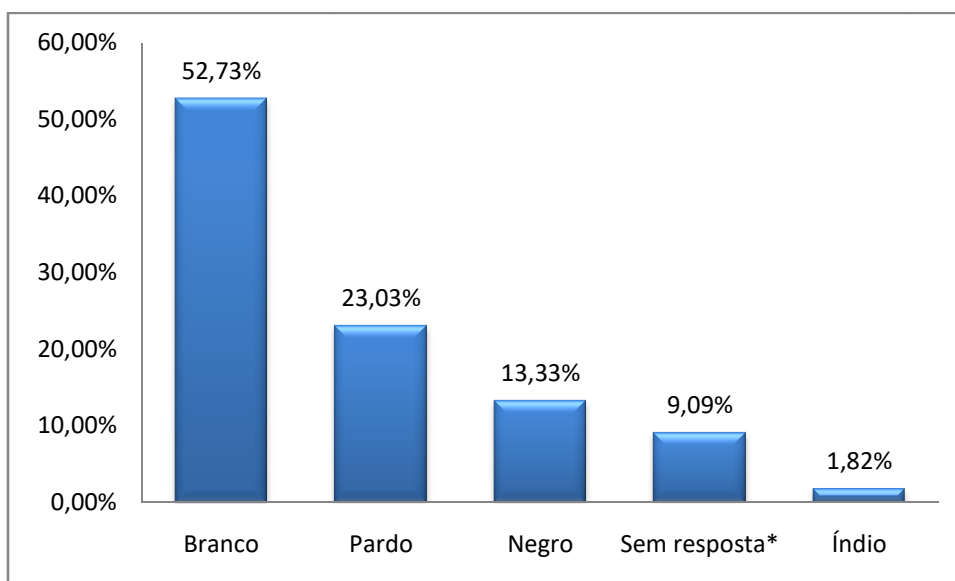
Os inválidos incluem os que não estavam presentes no dia da coleta, sendo 56, 2 estavam em branco, dois não quiseram responder e 28 não estudaram na escola no ano anterior, não sendo elegíveis a responder. Ainda, outro questionário não entrou na soma devido às respostas ilegíveis: um estudante da turma do sexto ano, diagnosticado com deficiência intelectual leve, de acordo com dados que a escola possui, não conseguiu responder ao questionário, mesmo com as instruções da pesquisadora. Um exemplo foi o fato de ele não saber o significado de “feminino” e “masculino” e mesmo após a resposta da professora indicando o que era, ele assinalou os dois, e 5 das 7 questões estavam em branco. Os dois estudantes que não quiseram responder ao questionário eram do nono ano. Primeiramente uma menina perguntou se era obrigatório, e ao obter a resposta negativa não quis responder, logo, seu colega também optou por não responder. Os estudantes que não estudaram na escola no ano anterior responderam ao questionário, mas ao analisar as respostas, que denunciavam o fato de não terem estudado na escola, os questionários não foram analisados.

Como cabeçalho o questionário continha questões de dados pessoais que ajudavam a entender o clima antropológico da amostra. Inicialmente, havia questão sobre gênero, tendo as opções “feminino” e “masculino”. Optou-se pelo termo “gênero”, pensando numa introdução ao termo, tendo em vista que o termo “sexo” tem um tom determinante na sua escolha, e gênero deixa mais abrangente, podendo cada um ter livre escolha de assinalar como se percebe. Apenas um questionário continha essa resposta em branco, 87 assinalaram “masculino” e 77 “feminino” como mostra o Gráfico II.

Gráfico II. Gênero dos estudantes

Houve dificuldade de algumas crianças em compreender o que o termo feminino e masculino significava. Em quase todas as turmas algum estudante perguntava e precisávamos explicar.

Após, a questão era autodenominação, que também era fechada e não foi muito bem compreendida pelos estudantes, tendo de ser diversas vezes esclarecida. Dos 165 questionários válidos, 87 assinalaram “branco”, 38 “pardo”, 22 “negro”, 15 estavam sem resposta, 3 assinalaram “índio” e ninguém assinalou “oriental”, como mostra o Gráfico III.

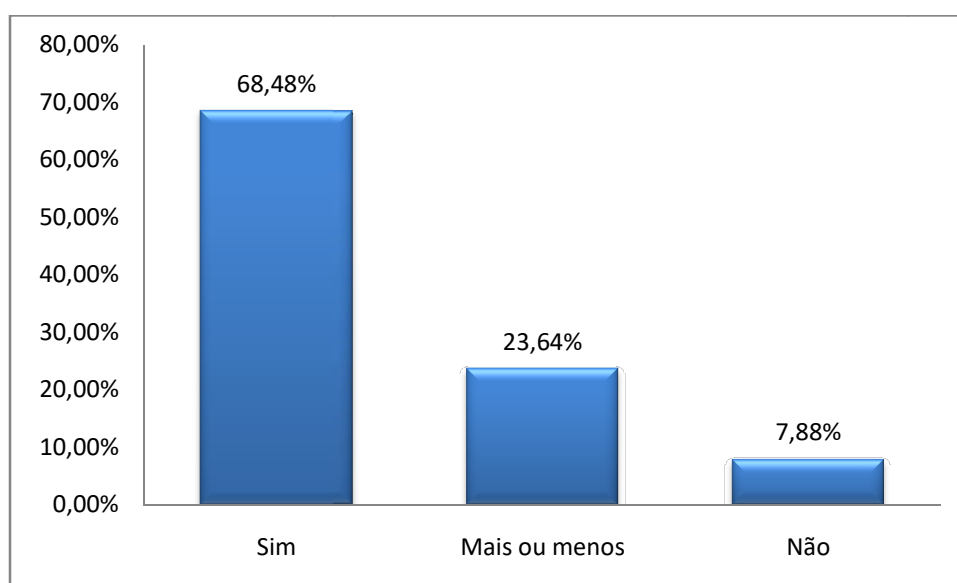
Gráfico III. Autodenominação

*Inclusas respostas em branco e mais de uma opção assinalada.

Percebemos um relevante número de autodenominados “pardos”, que mostra, confirma e assinala a origem de grande parte dos estudantes, que se dá na comunidade no entorno da escola que em sua maioria vive em condições de empobrecimento, visto que vivem na periferia da cidade.

A primeira questão do questionário que direciona o propósito do mesmo é “Você gosta das Olimpíadas da escola?” uma pergunta fechada, onde 113 das respostas foram “sim”, 39 “mais ou menos” e 13 “não”, como mostra Gráfico IV.

Gráfico IV. Você gosta das Olimpíadas na escola?

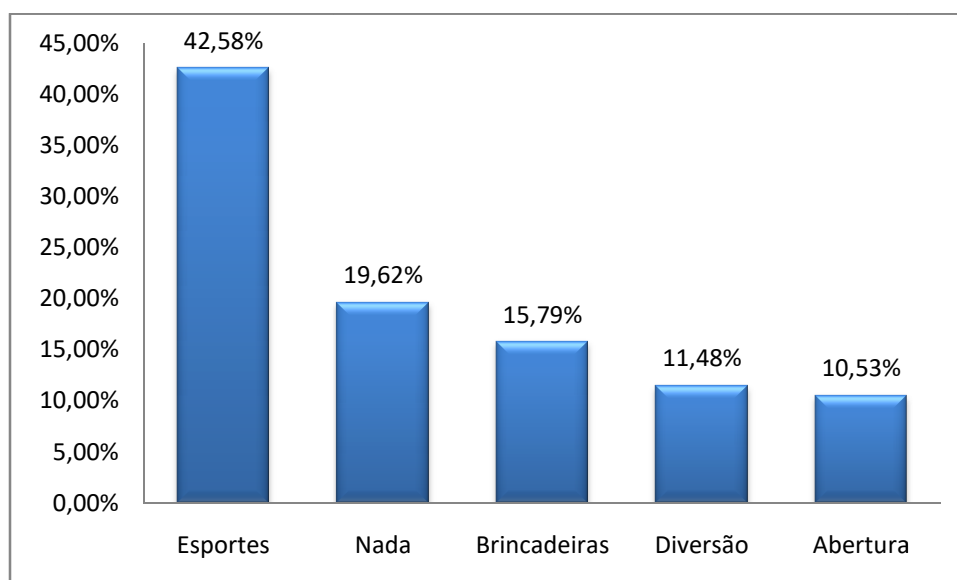


De acordo com essa questão a maior parte dos estudantes gosta dos jogos, inicialmente, da forma como estão dispostos. Esse resultado pode ser consequência histórica da forma como os jogos acontecem na própria escola, bem como em âmbito antropológico, cultural, que ajudam a forjar as escolhas e gostos. Vivemos num clima antropológico onde o esporte de rendimento, principalmente o futebol, é altamente disseminado pela mídia e no clima sociológico, nas famílias e grupos sociais. Diante dessas respostas, pensando na organização dos jogos daquele ano, nos propusemos a manter o enredo e sentido dos jogos, pensando em inovar as modalidades e acrescentar tarefas culturais.

A segunda questão era “O que você fez nas Olimpíadas do ano passado? Por quê?” e era uma questão aberta. A partir das respostas obtidas foram criadas as categorias nativas, visto que foram criadas a partir das respostas. Dessa forma as categorias foram “esportes” que inclui as respostas futebol/futsal, vôlei, basquete, handebol e jogo, com número de 89 respostas, “nada” que inclui as respostas não participou, em branco e não ganhei, com 41

respostas, “brincadeiras” que inclui pique-bandeira, pebolim, pingpong/tênis de mesa e xadrez, com 33 respostas, “diversão” que inclui torcida, encontrar os amigos e participar, que tiveram 24 respostas, “abertura” que inclui gincana cultural e dança, com 22 respostas, como mostra a figura 5. O percentual total se deu a partir do total de respostas, que foi 209, visto que um mesmo estudante poderia assinalar mais de uma categoria, visto que a questão era aberta.

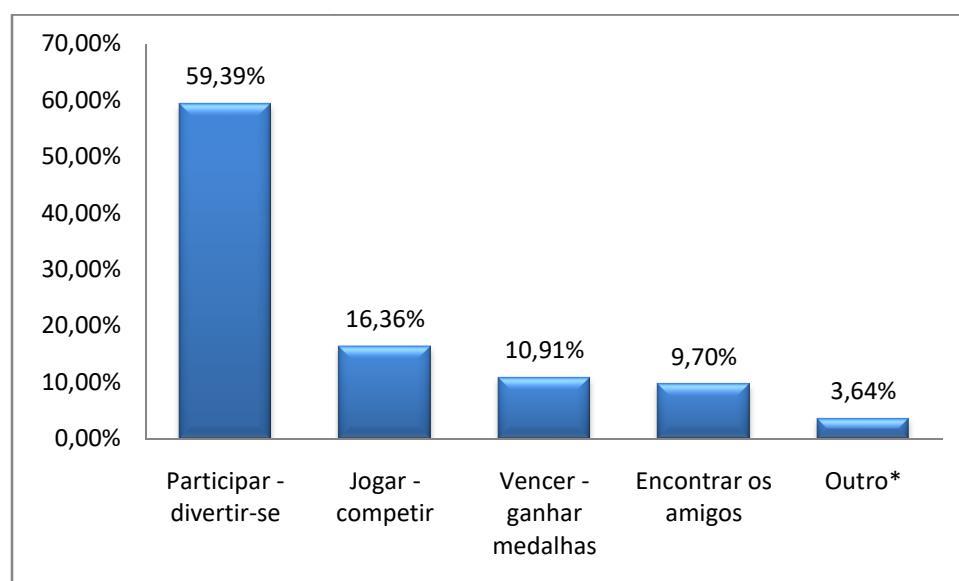
Gráfico V.O que você fez nas Olimpíadas do ano passado?



Percebemos uma forte participação nos esportes, que pode ser explicado pela cultura brasileira do futebol bem como dos mega eventos esportivos, a mídia que corrobora com a massificação do mesmo. O fato de as brincadeiras ainda manter-se em terceiro lugar pode ser explicado, pois a escola tem uma política diferenciada e as aulas de educação física abrangem mais do que os esportes. Por outro lado, percebemos um alto número de estudantes na categoria “nada” que mostra o teor de não gostar e/ou não participar dos jogos.

A terceira questão do questionário era “O que é mais importante nas Olimpíadas?”, uma questão fechada, com cinco opções. 98 respostas foram “participar/divertir-se”, 27 “jogar/competir”, 18 “vencer/ganhar medalhas”, 16 “encontrar os amigos” e 6 “outro” que inclui “não participo” e “amigos”, como mostra o Gráfico VI.

Gráfico VI. O que é mais importante nas Olimpíadas?



* Inclusive respostas “não participo” e “amigos”.

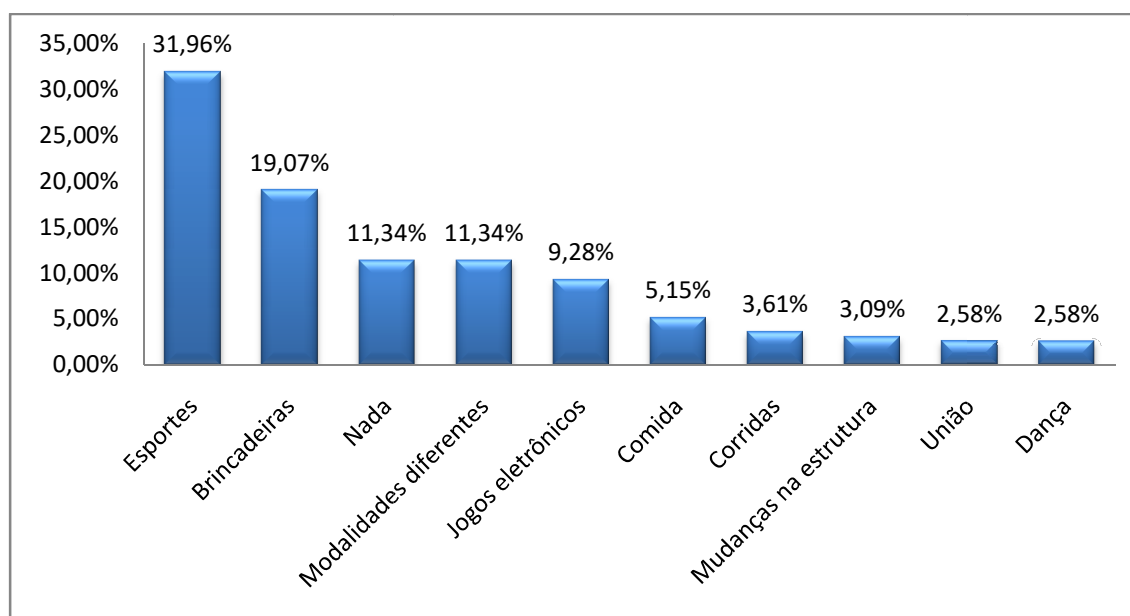
A maior parte dos estudantes prefere participar e divertir-se nos jogos. Isso mostra o lado divertido e educativo que o esporte tem para essas crianças, visto que a maioria também prefere os esportes nos jogos. Esse resultado nos mostra que apesar de toda a carga da mídia de competição e alto rendimento, os estudantes ainda preferem a diversão, deixando um pouco de lado a influência do conteúdo midiático. Porém, há uma contradição, quando vemos as respostas que remetem os jogos à diversão e os jogos em si, onde ganhar é o principal objetivo e a participação dos estudantes durante os jogos, onde prevalece a competição, a busca pela vitória. Pode-se pensar que o sentido do esporte para essas crianças seja de diversão, que seja essa a relação que eles têm com esse modelo de esporte que está sendo dado a elas. Há uma forma de prazer veiculada à prática esportiva, porém,

"haveria que se saber o quanto tal prazer está associado às demandas de gozo instituídas pela indústria do entretenimento [...], o fato dessas atividades serem avaliadas como prazerosas pode ser uma boa possibilidade de [...] estruturar-se as práticas da Educação Física na escola" (PINTO, BASSANI, VAZ, 2012, p. 921).

A quarta questão era “O que você gostaria que tivesse nas Olimpíadas?” uma questão aberta que nos trouxe as seguintes categorias: “esportes” que inclui vôlei, futebol e basquete, contendo 62 respostas, “brincadeiras” que inclui queimada, pique-bandeira, xadrez e pebolim, com 37 respostas, “nada” que inclui não sei, sem resposta/em branco, não quero que tenha e qualquer coisa, com 22 respostas, “modalidades diferentes” incluindo skate, novos, futebol americano, tênis, esgrima, arco e flecha, tiro ao alvo, competição de beijo, avião de papel,

pólo aquático, cartas e natação, contendo também 22 respostas, “jogos eletrônicos” que inclui clashroyale, callofduty, leagueoflegens, overwatch, starcraft e CS, com 18 respostas, “comida” com 10 respostas, “corridas” com 7 respostas, “mudanças na estrutura” incluindo espaço físico, regras, premiação e tema, com 6 respostas, “união” com 5 respostas, “dança” também 5 respostas, sendo um total de 194 respostas, visto que um mesmo estudante poderia opinar por mais de uma.

Gráfico VII.O que você gostaria que tivesse nas próximas Olimpíadas?

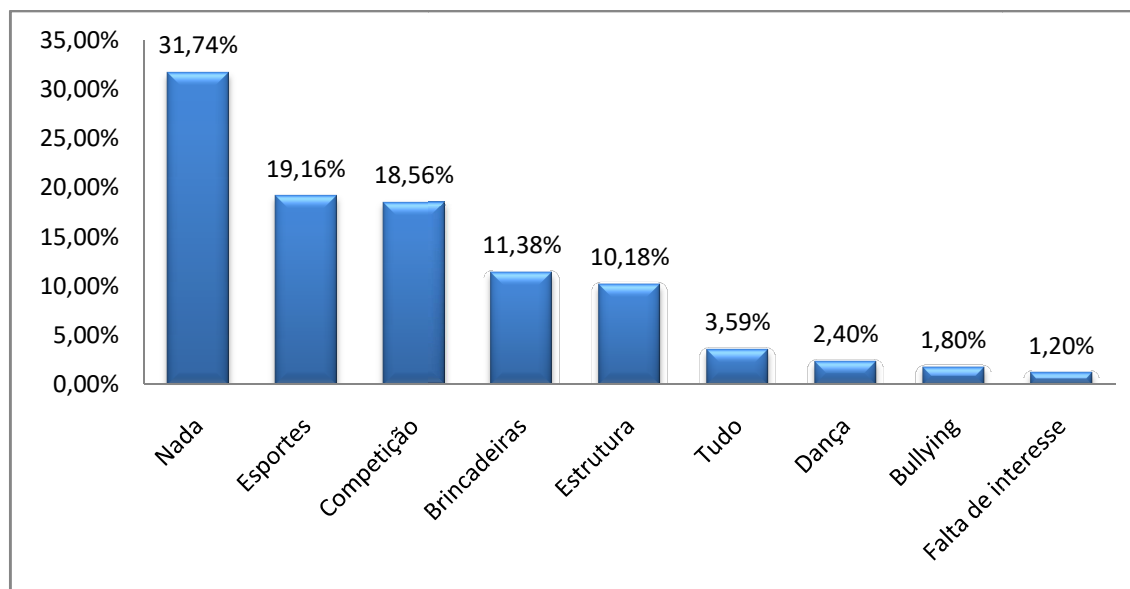


Novamente o esporte entra com força nas respostas, além de ser o que os estudantes mais gostam também é o que eles gostariam que tivesse, seguido das brincadeiras. Algo que nos chamou a atenção para a organização foram as respostas de modalidades diferentes e jogos eletrônicos, visto que eram opções novas nos jogos e que estavam ao alcance de serem realizados.

A quinta questão era “O que você não gosta nas Olimpíadas?”, uma questão aberta, na qual obtivemos as seguintes categorias: “nada” que inclui sem resposta/em branco, respostas ilegíveis, gosto de tudo e não participei, com 53 respostas, “esportes” que inclui vôlei, vôlei misto, futebol e futsal, com 32 respostas, “competição” que inclui brigas, falta de união, não saber perder, furar os balões, com 31 respostas, “brincadeiras” que inclui pique-bandeira, pingpong/tênis, xadrez e skate, com 19 respostas, “estrutura” que inclui ginásio/local, modelo dos jogos/organização, premiação, grito de guerra, bagunça/barulho, uniforme e arbitragem, com 17 respostas, “tudo” com 6 respostas, “dança” com 4 respostas, “bullying” com 3

respostas, “falta de interesse” com 2 respostas, totalizando 167 respostas, sendo questão aberta e podendo ter numa mesma resposta mais de uma categoria.

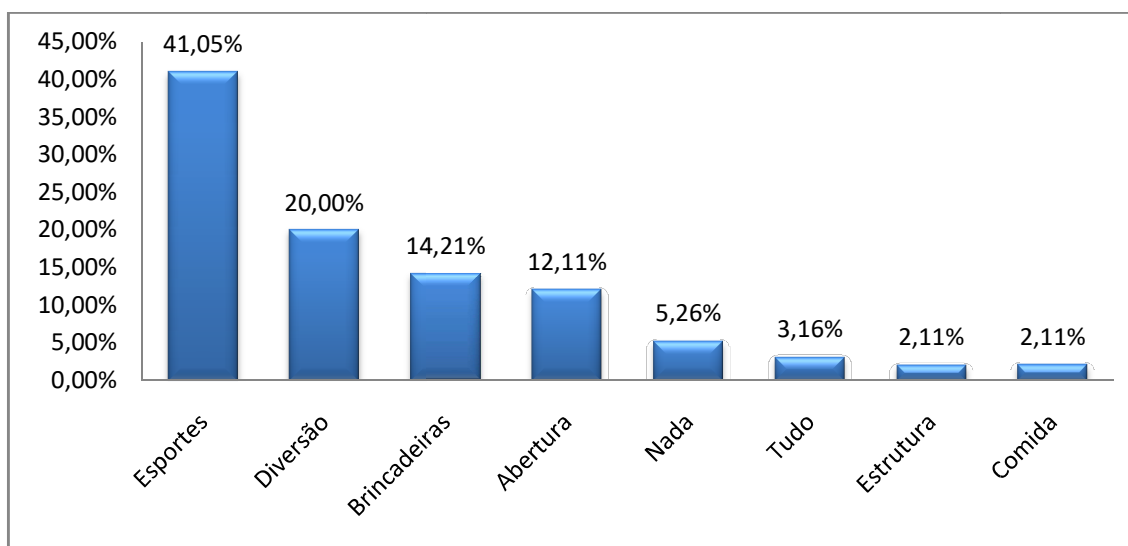
Gráfico VIII.O que você não gosta nas Olimpíadas?



Esta questão reforça o fato de os estudantes gostarem dos jogos da maneira como ele é dado, visto que mais de 31% dos estudantes não tem nada que não gostem nos jogos. Isso pode ser explicado, entre outros, pelo fato de esses estudantes não terem abordado outra forma dos jogos, e ainda pelo conteúdo midiático que mostra apenas esse modelo de alto rendimento como importante. Aos poucos, as crianças vão interiorizando esses elementos e forjando seus gostos e sentido.

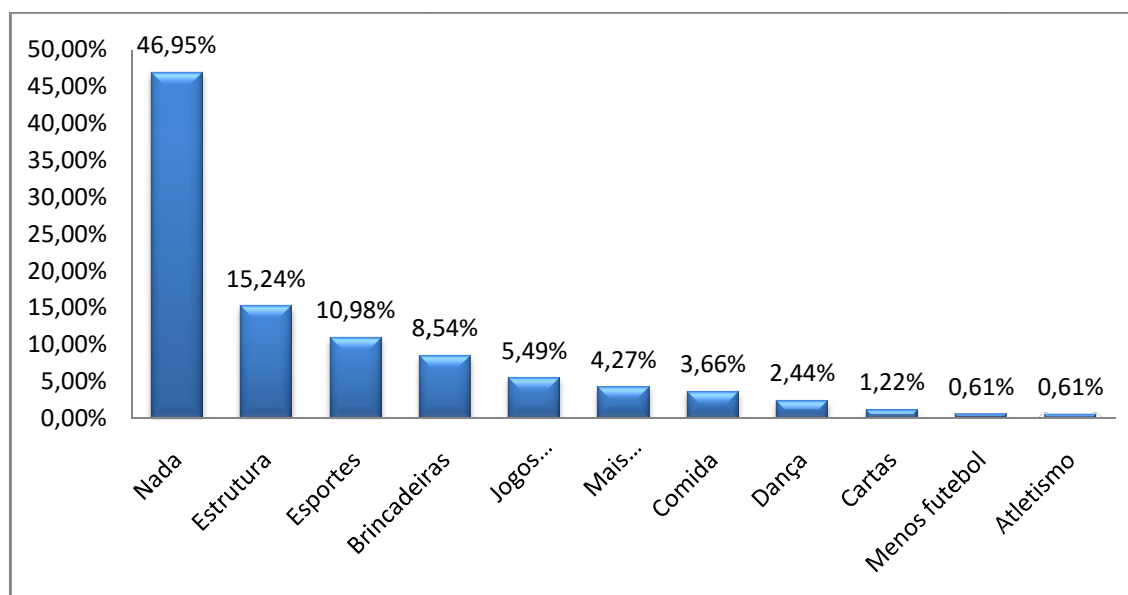
A sexta questão, “O que você mais gosta nas Olimpíadas?”, também aberta, nos trouxe as seguintes categorias: “esportes” que inclui futebol, vôlei, competição e ganhar, com 78 respostas, “diversão” que inclui encontrar os amigos, com 38 respostas, “brincadeiras” que inclui ameba, pique-bandeira, pebolim, xadrez, pingpong/tênis de mesa e skate, com 27 respostas, “abertura” que inclui apresentação, gincana cultural e dança, com 23 respostas, “nada” que inclui as respostas não participo e sem resposta/em branco com 10 respostas, “tudo” com 6 respostas, “estrutura” que inclui organização, premiação, arbitragem e camisetas, com 4 respostas, e “comida” com 4 respostas, sendo um total de 190, novamente podendo um mesmo estudante responder mais de uma categoria.

Gráfico IX. O que você mais gosta nas Olimpíadas?



A última questão era “Você teria alguma sugestão para as Olimpíadas deste ano?”, aberta, que ficou muito parecida com a questão 4, sobre o que gostaria que tivesse. Na aplicação do questionário muitos estudantes perguntaram se a questão 4 era alguma modalidade que não tinha ainda, outras respostas foram iguais as da quarta questão. De qualquer forma, algumas respostas nos deram realmente sugestões, e tivemos as seguintes categorias: “nada” que inclui não, sem resposta/em branco, nenhuma e respostas ilegíveis, com 77 respostas, “estrutura” que inclui estrutura física/local, temas, organização, tempo dos jogos e premiação, com 25 respostas, “esportes” que inclui handebol, basquete e futsal, com 18 respostas, “brincadeiras” que inclui queimada, pique-bandeira, pega-pega, esconde-esconde, pingpong e desafio do travessão, com 14 respostas, “jogos eletrônicos” que inclui clashroyale e e-sports, com 9 respostas, “mais participação” que inclui união, com 7 respostas, “comida” com 7 respostas, “cartas” que inclui jogos de raciocínio, com 2 respostas, “menos futebol” 1 resposta e “atletismo” 1 resposta.

Gráfico X. Você teria alguma sugestão para as Olimpíadas deste ano?



Novamente fica claro que os estudantes estão satisfeitos com os jogos, porém agora temos uma crítica maior em relação à sua estrutura, visto que a segunda categoria com mais respostas foram sugestões em relação a isso. Os jogos anteriores aconteceram no ginásio da escola, que se encontrava com pouca iluminação e pouco espaço para a torcida, sendo estas condições, não ideais para a prática. No ano de 2017, quando os questionários foram aplicados e participamos da organização, o ginásio se encontrava interditado, e com isso, conseguimos realizar os jogos nos ginásio da Universidade, tendo assim, possibilidades de acrescentar modalidades diferentes daquelas que permanecem.

Destaca-se na formação do sentido do esporte escolar o tema do divertimento e da participação, esta que é a resposta da maioria questionada sobre o mais importante. O tema da sociabilidade é também recorrente nos questionários, da importância de encontrar os pares e de simplesmente ficar juntos num contexto mais flexível, divertido e interessante. Porém, competir e vencer os jogos passa ser muito importante para muitos escolares que possuem histórico ou não de destaque nos jogos. Aprofundar o estudo da formação destes sentidos nos parece uma questão das mais importantes para pensar os contornos de uma concepção pedagógica alinhada com as novas diretrizes curriculares e com a produção acadêmica do campo progressista.

6 O MÉTODO BIOGRÁFICO

Para as sociologias mais recentes, assim como demais disciplinas das ciências sociais e humanas, que buscam superar a dicotomia entre subjetivismo e objetivismo presente no debate acadêmico desde o início do século XX, a centralidade do agente ou sujeito parece ganhar formas diversas, dividindo aqueles que enfatizam a ação avassaladora das estruturas sobre o agente, negando a subjetividade em proveito da realidade objetiva, daqueles que preservam indiscriminadamente a subjetividade do agente face a toda e qualquer ação da estrutura, configurando-se numa espécie de diluição do real na subjetividade. (SCHENEIDER, 2008). O método progressivo-regressivo que caracteriza o estudo biográfico sartreano nos permite compreender os sujeitos situados numa época e território, forjado e integrado a grupos, num intenso processo de totalização, destotalização e retotalização, que constituem seu projeto e desejo de ser. Nesta perspectiva, o homem e a mulher só podem ser compreendidos numa relação dialética entre o psico-físico, o sociológico e o antropológico, este último determinado como campo de possíveis onde os projetos resultantes das escolhas humanas se realizam.

Nesta perspectiva biográfica, diferente das biografias retrospectivas tradicionais, onde pesquisador vê a história do sujeito de fora, Sartre propõe o método progressivo-regressivo tomando o presente, por meio da descrição, o seu ponto de partida.

A partir da compreensão do *projeto* é possível compreender o movimento do sujeito no mundo e qual sua relação com o mesmo. *Projeto* consiste no movimento do sujeito no mundo, o sujeito real e concreto com suas ações reais e concretas, bem como a atividade do sujeito. Ele se dá na carência, ou seja, a falta de algo faz com que o sujeito o busque. Já o *desejo* é aquilo que provoca o movimento, o objeto que o sujeito busca, aquilo que o mobiliza. A partir do estudo biográfico é possível se compreender o homem situado numa época ao mesmo tempo em que se coloca como realizador da história por meio da *práxis*.

Para Sartre o homem deve ser pensado na relação com a temporalidade e esse é o diferencial do filósofo. O sujeito em sua singularidade está posicionado num presente, ele tem um movimento no presente e o interessante de se investigar é o que o sujeito concreto em sua realidade, ou seja, o que ele faz em seu movimento no presente. O que ele faz daquilo que fizeram dele, para onde se projeta, com que força e intensidade? Compreender o homem é desvelar o saber-de-ser constitutivo nas suas relações e esclarecer a função do futuro que o puxa.

Além do tempo presente e futuro, o passado é decisivo. Ele constitui o sujeito, as experiências anteriores o forjam na medida em que constituem até certo ponto as suas escolhas. As histórias, acontecimentos e fatos que o marcaram e o constituíram não podem ser apagados, mas o importante aqui é o que o sujeito faz dessas experiências, o que ele faz com o que fizeram dele. Por fim, e mais importante sendo o diferencial de Sartre, têm-se o futuro, que é o que puxa o sujeito, o que o move. É por conta desse futuro, desse objetivo, qual o sujeito deseja alcançar que o mesmo se move.

Três camadas constituem o homem. São elas a camada *psico-física*, que é o sujeito singular/universal, cada qual com sua ação e atividade no mundo, a *sociológica*, que é a família, a escola e outros grupos sociais nos quais o sujeito está tecido e a camada *antropológica*, que é a sociedade, a época e o clima que demarca o campo de possíveis do sujeito. Essas camadas produzem um movimento dialético na constituição do homem e do seu projeto e desejo de ser, visto que o passado é o que o sujeito já possui historicamente, aquilo que ele já viveu, que não pode ser retomado nem mudado. Aquilo o constitui, ele não pode mudar ou esquecer, porém, a relação que o sujeito tem com esse passado é o que o constituirá efetivamente; o futuro é o que provoca o seu projeto de ser, o que o puxa, onde o seu objeto está. O homem não pode chegar a esse futuro, esse objeto, ele sempre terá um objeto no futuro, que é aquilo que seu projeto propõe alcançar, pois o homem jamais é totalizado, ele está sempre se totalizando, destotalizando e retotalizando, sempre em movimento, e o presente é onde ele mede seus esforços para alcançar seu objetivo do projeto de ser. A partir de umas dessas camadas conseguimos entender o movimento do sujeito, e a partir do sujeito conseguimos entender as camadas, ou seja, é um movimento dialético.

O clima antropológico não determina o sujeito, mas determina o campo dos possíveis, que irá restringir muitas vezes, suas escolhas. Campo dos possíveis consiste nas possibilidades que são dadas ao sujeito. A partir do campo dos possíveis é que o sujeito faz suas escolhas. Dessa forma, o campo determina o sujeito, partindo do pressuposto de que as suas escolhas o determinam.

O método também propõe que o investigador realize a biografia partindo de dentro da vida real e concreta do sujeito. A questão norteadora de todo o estudo deste filósofo foi se “é possível compreender o ser humano na sua totalidade?” Diante desse questionamento, Sartre nos traz algumas possibilidades: relação dialética, ou seja, uso do método progressivo-regressivo para compreensão da totalidade do indivíduo; entender o indivíduo para entender a história e vice e versa; entender o clima antropológico ao que está inserido.

Para se compreender o ser humano deve-se levar em consideração não somente sua individualidade, mas também a rede sociológica ou familiar na qual está inserido, bem como o seu contexto antropológico ou a época na qual ele existe. Além disso, o *concreto* analisado é a história qual o sujeito constrói. O que realmente importa na biografia a partir do método progressivo-regressivo, são os fatos concretos, a atividade do sujeito, sua ação no mundo, ação esta que “por mais alienada que seja sempre transforma o mundo.” (SCHNEIDER, 2008). O sujeito tem sua personalidade sendo formada desde a infância e esta está engendrada a partir do *projeto de ser* deste sujeito. Projeto este situado a partir do *campo dos possíveis* no qual ele está inserido. Tudo isso sendo alimentado pelo seu *desejo de ser*, que está diretamente ligado com o projeto. Todo esse emaranhado de objetivações fazem parte da personalidade do sujeito e são elas que fazem sua história. A partir delas o pesquisador irá investigar o sujeito e sua geração, sua época.

Sartre critica Engels quando diz que o acaso existe. Para Sartre, o acaso não existe, são os sujeitos que tecem a história, mesmo que em condições determinantes, mas são escolhas que fazem sua história. A relação entre o singular e o universal é fundamental para se compreender a realidade humana. A personalidade já inicia na infância. É nesse período que a criança tem seus gostos forjados, através, não somente, do seu grupo sociológico familiar que contribui para suas escolhas. Além do grupo familiar, meio sociológico, ainda integra outros grupos que contribuem para a formação da sua personalidade. O homem se faz na história ao mesmo tempo em que é feito por ela. Ele não tem poder e controle sobre a história, ela lhe escapa, pois ela é feita não somente por ele mesmo, mas também por outros. O que constitui o sujeito é o que ele faz com o que fizeram dele, visto que os grupos sociológicos e o antropológico determinam seu campo de possibilidades, mas não determinam suas escolhas.

Para Sartre, o sujeito humano é um ser-no-mundo, ou seja, um ser histórico, e para se entender esse sujeito é necessário levar em consideração sua história. Assim, a psicanálise existencial deve compreender o projeto de ser de cada indivíduo estudado, pois é ele que vai definir para onde se encaminham os movimentos de uma pessoa. O método sartreano dialético e não analítico, pois procura entender o sujeito na sua singularidade, a partir do movimento pelo qual ele se fez na base do que se fez dele. O meio objetivo dispõe de determinantes e vai depender da captação do sujeito subjetivo, daquilo que ele faz uso para si.

6.1 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA

O instrumento que utilizamos para compreender a relação do sentido para o sujeito foi a entrevista, que é “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas” (GIL, 2008, p. 109). Escolheu-se por uma entrevista semi-estruturada, visto que havia questões formuladas, mas também houve a possibilidade de abertura para o entrevistado falar livremente sobre os temas propostos.

O método biográfico sartreano visa a compreensão do sujeito em sua totalidade, ou seja, compreender esse sujeito na sua realidade concreta, o que ele fala ou como elabora suas relações com o mundo das coisas, das pessoas e numa dada temporalidade. Assim, optou-se pela realização da entrevista, como uma forma de biografar uma camada do sujeito entrevistado na tentativa dessa compreensão.

Dentre as vantagens da realização da entrevista podemos destacar “possibilita a obtenção de maior número de respostas [...] e possibilita captar a expressão corporal do entrevistado”, além de possibilitar “a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social.” (GIL, 2008, p. 110). Isso justifica a escolha da entrevista inclusa no método biográfico, pois a partir dela é possível compreender os aspectos da vida social do sujeito entrevistado. Já como desvantagens podemos destacar “a falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas [...], o fornecimento de respostas falsas [...], a influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado.” (GIL, 2008, p. 110).

A formulação das perguntas que serviram de base para a entrevista foi feita numa reunião com o professor orientador. O embasamento das questões foi a obra de Jean-Paul Sartre, que estudamos em âmbito de PIBIC, todas elas referenciadas ao final do presente trabalho. O objetivo das questões era compreender o sujeito em sua totalidade, e de acordo com Sartre (1987), o método progressivo-regressivo visa partir do presente, do atual movimento do sujeito no mundo, suas ações concretas e reais. Entender o clima antropológico, ou seja, qual realidade social, em que época esse sujeito vive, qual seu campo de possibilidades, seu clima sociológico, que é a família, os grupos sociais, como esses grupos agem na vida e nas escolhas desse sujeito. Após, compreender como foi que esse sujeito chegou a esse presente, compreendendo seu passado, como esse passado constitui seu saber-de-ser no mundo e forjou suas escolhas e seus gostos também; compreendemos o futuro, o que esse sujeito visa para o futuro, qual o seu projeto, o que o mobiliza efetivamente, pois é esse objeto no futuro que irá determinar suas escolhas. Entendendo o projeto entendemos o sujeito e o sentido que ele dá às coisas, pois o sentido é forjado a partir do projeto.

O estudante escolhido foi um aluno do nono ano do ensino fundamental. Ele não havia respondido ao questionário na data de aplicação do mesmo, porém, por conta do tempo em que estávamos inseridos na escola já o conhecíamos e também sua aproximação com o esporte de rendimento, sabendo que ele treinava numa escolinha de futebol.

Dessa forma, após conversa com a diretora da escola para permissão da realização da entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi entregue ao aluno, que usaremos o pseudônimo de Jaime, e após a devolução do Termo assinado marcamos a entrevista. Esta, aconteceu na sala de planejamento da escola no horário da aula de educação física, pois a professora autorizou a retirada do aluno da aula.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Correspondendo aos princípios do método progressivo-regressivo sartreano, buscamos primeiramente compreender o entrevistado no seu presente, o seu cotidiano na escola, no treino, em casa, com os amigos, enfim, compreender o movimento dele no mundo.

O estudante do nono ano do período matutino mora na comunidade do entorno da escola, mais precisamente no Morro do Pantanal. Ele estuda desde o primeiro ano nessa mesma escola. A locomoção para a mesma se dá a pé. Ele mora com os pais e duas irmãs, uma de dez e outra de onze anos, sendo ele o mais velho, quinze anos. A mãe é faxineira e fica em média de seis a sete horas por dia fora de casa e o pai correspondente de balcão fica em média cinco horas por dia. O estudante, que usaremos o pseudônimo de Jaime, às vezes fica uma ou duas horas sozinho em casa com as irmãs.

A relação que Jaime tem com a escola mostra-se boa. Ele se acha bom em disciplinas como ciências e história, e admite dificuldade e não gostar de matemática. O sentido que ele dá para a escola é um sentido administrativo, como mostra sua fala:

Para a escola é quase que uma obrigação minha, não falto quase todo dia, só falto quando... Tem minhas irmãs também que tem que ir para olhar elas, para ver se elas estão se comportando, se não aconteceu alguma coisa com elas, qualquer coisa elas podem vir falar comigo. (Jaime, Apêndice III).

A sua obrigação a ir para a escola parte não somente da obrigatoriedade pela legislação, mas também do incentivo de sua mãe e o cuidado com as irmãs. Além disso, a

escolinha na qual ele treina exige boas notas e bom comportamento na escola e em casa. Quando perguntado sobre o tempo dedicado aos estudos em casa Jaime diz que não costuma estudar e dá apenas uma revisada em dias de prova. Esse sentido de obrigatoriedade e administrativo com a escola pode explicar sua relação ruim com a matemática e a não prioridade dos estudos em detrimento do treino.

Em relação à educação física ele diz que percebe uma coletividade e companheirismo maior, ele diz “vejo que é mais companheirismo com a gente mesmo, que no treino do... No nosso treino a gente não tem muito isso né, que muitas pessoas jogam por si às vezes, ali não, ali é mais coletivo, mais igualdade, eu acho que é bem melhor.” (Entrevista I, Apêndice III). Essa fala mostra como as aulas de educação física ainda têm uma função de recreação para os alunos, diante da fala do coletivo, companheirismo em detrimento da técnica e do conteúdo em si. O grau de exigência para ele nas aulas é mínimo, ele não aprende nada de novo efetivamente em termos de futebol. O pedido de futebol nas aulas viabiliza reconhecimento e valorização por ser o esporte que ele domina.

Sua iniciação esportiva se deu aos seis anos quando seu pai o levou para uma escolinha de futebol. No primeiro treino ele diz que não gostou, mas continuou indo e acabou gostando. Temos nesse contexto a mediação do pai como forte influência na sua iniciação, levando ele aos treinos e o incentivando a ficar na escolinha. Além disso, a mãe foi atleta amadora de futebol dos 16 aos 20 anos, não ingressando na categoria profissional e interrompendo sua carreira, pois engravidou de Jaime.

Jaime conta que já passou por várias escolinhas, e atualmente está na escolinha Fairplay do Avaí. Essa escolinha é paga, assim como as outras pelas quais ele passou. Quem faz o pagamento é o pai. Jaime conta que os pais passaram por um período no qual ficaram separados, mas isso não interrompeu seus treinos, pois o pai continuou pagando. Atualmente, os pais estão juntos novamente, ele diz que foi uma notícia muito boa para ele e as irmãs.

A escolinha fica na Ressacada, sede do clube. Ele vai de ônibus e às vezes o pai leva. Ele está a cinco meses nessa escolinha e ao ser perguntado por que trocou de escolinha, ele diz:

Na outra escolinha não tava dando certo porque eu tinha muito amigo que me levava para o caminho mal, assim, não queria que eu fosse jogar bola, daí eu saí daquela escolinha eu fui para a outra. (Jaime, Apêndice III).

Essa fala demonstra a preocupação do pai, pois ele sempre fala que o pai procurou e escolheu a escolinha e o levou. Durante a conversa ele também sempre enfatiza o fato de o pai e a mãe o incentivarem bastante.

A relação que Jaime tem com o esporte se mostra diferente da que ele tem com a escola. Ele conta que após sair da escola terça, quinta e sexta-feira vai para o treino. O treino na terça e quinta é caracterizado por treino físico e técnico, com chutes a gol, preparação física, e ao final um jogo no campo de society. Na sexta-feira o treino acontece no campo normal e há mais jogo. Ele fala que na escolinha aprende muito sobre coletividade, que o jogo não se faz sozinho, é necessário a presença e participação do outro para acontecer.

Na quarta-feira à tarde e nos outros dias da semana a noite ele treina na UFSC com um grupo de amigos formado por eles mesmos. Ele conta que um amigo dele o chamou para treinar e lá ele conheceu outras pessoas, e agora estão participando de campeonato. Esse treino acontece de forma autônoma, não há mediação de um adulto.

Nas Olimpíadas ele conta que participou de todas, desde a quinta série, primeiro ano que participou dos jogos. No futsal ele diz que foi campeão em todas as suas participações. No oitavo ano foi campeão geral e no sexto ano ganhou troféu de destaque das Olimpíadas. Pergunto também quem toma a frente e a iniciativa na organização do time, ele diz que geralmente é o líder e ele foi líder no sexto ano.

Para o futuro ele se vê como jogador de futebol, esse é seu projeto e ele se mobiliza claramente para isso. Todo esse contexto nos mostra sua mobilização para o esporte, diferente para ir à escola. Seu engajamento e pró-atividade para treinar, não somente na escolinha, mas também de forma autônoma com os amigos demonstra a importância que ele dá ao seu projeto. O projeto forja e é função para o sentido. Ele dá sentido às coisas que são importantes para sua mobilização a ser jogador de futebol, ou seja, ele treina na escolinha, treina com os amigos e treina em casa. O sucesso escolar depende da sua mobilização. Quando ele entra numa escolinha que exige boas notas ele se mobiliza para alcançar isso, e o seu sucesso escolar se manifesta de maneira mais efetiva, demonstrado quando ele fala que suas notas melhoraram quando mudou de escolinha.

O projeto se mostra bem interiorizado quando pergunto sobre um ídolo que ele tenha, no qual ele se espelha, e ele responde um jogador do Avaí, porque viu a trajetória dele, o viu sair do amador, passar pela base e depois chegar ao profissional, também conta que cortou o cabelo com ele algumas vezes. Esse trajeto é o mesmo que ele anseia percorrer para chegar à categoria profissional e isso demonstra essa interiorização do projeto-de-ser jogador.

Após realização da entrevista percebemos que algumas questões que ficaram em aberto era necessário que buscássemos aprofundar na realização de uma segunda entrevista que aconteceu na aula de educação física também, e juntamente com esta, Jaime respondeu ao questionário.

Ele se encontra dentro dos quase 53% da amostra que é do sexo masculino e dentro dos 13% que se autodenominam negros. Ele diz que gosta das Olimpíadas e está dentro dos 42% da categoria esportes na segunda questão. Ele disse tanto no questionário como na entrevista, que jogou futsal, handebol, pique-bandeira, ele fala que joga tudo, mas na questão seis ele está dentro dos 41% que o que mais gostam nas Olimpíadas é o esporte, mais precisamente no caso de Jaime, futsal e handebol. Ele diz que não gosta de vôlei e basquete, está também dentro da categoria esportes na questão cinco, que pergunta o que não gosta. Para Jaime o que é mais importante nas Olimpíadas é jogar-competir, de acordo com sua resposta do questionário e na entrevista, ele diz competir, se divertir e encontrar os colegas do período da tarde.

O movimento desse aluno reflete o resultado da pesquisa do questionário: o gosto pelo esporte, forjado no caso de Jaime, pela mediação do pai ao o levar para escolinha e após pela experiência positiva dele nos treinos que o fez querer ficar e continuar a treinar. É interessante para continuação e aprofundamento do estudo compreender esse aluno na sua atividade, o que ele realmente faz além do que ele fala, o seu movimento real e concreto para se compreender a sua mobilização em prol do seu projeto. Essa pesquisa também nos faz refletir acerca das políticas públicas de esporte, a relação do esporte de rendimento e educação física escolar. Esta, ainda tem um caráter de recreação e lazer muito enfatizado pelos alunos, o que nos mostra a fala de Jaime. Falta para a educação física impor seu lugar como disciplina curricular, porém sem deixar para trás o esporte. Este por sua vez, poderia ser trabalhado nas escolas de forma mais séria, aproximando-se do esporte de rendimento na medida em que trabalha a técnica, a tática, os conceitos, as questões éticas e estéticas, que são importante para o desenvolvimento do jogo, tanto no alto rendimento quanto na educação física escolar. A escola pode ser o lugar onde os escolares encontram respostas para seus interesses e desejos, para viabilização de projetos e a pôr em prática as ações mobilizadoras, no caso de Jaime, uma formação sólida geral, mas também esportiva, onde ele pudesse se pôr em movimento para refletir, conhecer melhor e ampliar suas chances para viabilizar seu projeto-de-ser jogador.

8 CONCLUSÃO

As Olimpíadas da escola estudada é um evento anual que mobiliza toda a escola: direção, coordenação pedagógica, professores, alunos e pais. Além de ser um evento esportivo, onde a competição exerce sua função de mobilizar as pessoas, também há uma tentativa de tratar de forma pedagógica o tema esportivo, não apenas durante o evento, mas também sua preparação bem como os desdobramentos nos dias que o sucedem.

A encenação esportiva em sua essência é mobilizadora e isso faz com que os estudantes participem, não somente dos jogos, também tem aqueles que ficam na torcida ou vão apenas para assistir. Porém, em sua maioria eles participam, como mostra a pesquisa, e gostam das Olimpíadas. Os resultados nos mostram também o esporte como conteúdo hegemônico do evento, e na periferia deste uma série de outras atividades esportivas e culturais que proporcionam sociabilidade, divertimento, reconhecimento. Porém, o sentido do esporte vinculado a competição e aos seus princípios como a *sobrepujança e comparações objetivas* (KUNZ, 2016) são ainda pouco refletidos e compreendidos por escolares e professores da unidade.

O sentido que os estudantes dão ao esporte e a escola, deve ser entendido a partir das experiências que eles têm, bem como da mediação dos outros, como amigos, familiares e professores. Esses quesitos se mostraram importantes na fala do estudante entrevistado, tendo ele próprio a mediação do pai fundamentalmente decisiva no seu ingresso no mundo do treinamento esportivo, bem como suas experiências, quando ele fala que gostou do treinamento junto aos seus pares ou que a mãe foi jogadora da principal equipe do bairro.

Compreender o que o sujeito faz na sua realidade concreta se torna importante na medida em que entendemos seu movimento, seu projeto, que irá então determinar o sentido. Algo faz sentido desde que contribua com o projeto, com o movimento do sujeito. Dessa forma, o entrevistado que demonstra a porcentagem de alunos que gostam das Olimpíadas e do esporte, no caso dele, sobretudo o futebol, nos mostra o seu movimento e as mediações que sofre, nos ajudando a compreender como esse gosto pelo esporte é forjado nos e pelos escolares no seu movimento, em suas escolhas, mediados por outros, seus grupos, demarcados numa época ou seu clima antropológico.

9 REFERÊNCIAS

ARANTES, A.; MARTINS, F.; SARMENTO, P.. Jogos escolares brasileiros: reconstrução histórica. **Motricidade**, Portugal, v. 8, n. 2, p.916-924, mar. 2012.

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister Ltda, 1997. 121 p.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: out. 2018.

CASAGRANDE, Carlos Roberto. **Currículo e esporte escolar: o significado educativo dos jogos escolares no contexto da escola**. 2011. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2011. Disponível em: <http://www.listasconfef.org.br/comunicacao/Dissertacoes/Carlos-Roberto-Casagrande.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p.251-266, 2011. Disponível em: <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/201/187>. Acesso em: 29 out. 2017.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000. 93 p.

_____. **Os Jovens e o Saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

ELLER, Marcelo Laquini et al. A olimpíada e a escolarização da educação física no Espírito Santo: 1946-1954. **Revista da Educação Física/uem**, [s.l.], v. 26, n. 3, p.389-400, 12 ago. 2015. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v26i3.26128>. Acesso em: 21 set. 2017.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. **Sociologia - Problemas e Práticas**, Londres, v. 1, n. 9, p.171-177, mar. 1991.

FLORIANÓPOLIS. **Secretaria Municipal de Educação**. Educação Física. In: _____. Matriz Curricular do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação/Diretoria de Ensino Fundamental, 2016 (no prelo). Consultores externos: Jaison José Bassani e Luciane Lara Acco. Assessor DEF/SME: André Justino dos Santos Costa.

FRIZZO, Giovanni. Os jogos escolares como mecanismos de manutenção e eliminação: uma crítica à lógica esportiva na escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p.163-180, out. 2013. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/38628/27449. Acesso em: 20 set. 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. 114 p. Disponível em:

<https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/download/3630/3631>. Acesso em: 21 set. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016. 152 p.

MASCARENHAS, Fernando. Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunami. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p.39-67, jan./mar. 2012.

MEDEIROS, Ana Gabriela Alves et al. Rituais escolares: Notas sobre jogos e olimpíadas escolares como rituais. **Revista da Educação Física/uem**, [s.l.], v. 23, n. 2, p.217-227, 28 jul. 2012. Universidade Estadual de Maringá. <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v23i2.13621>.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PINTO, Fábio Machado; BASSANI, Jaison José; VAZ, Alexandre Fernandez. Sentidos das práticas corporais fora da escola para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 4, p.909-923, out. 2012.

RICHTER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos, saberes e infância: um inventário para estudos sobre a educação do corpo em ambientes educacionais de 0 a 6 anos. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p.79-93, maio 2005.

SAWITZKI, Rosalvo Luis. **Esporte escolar: aspectos pedagógicos e de formação humana**. 2007. 216 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Unisinos, São Leopoldo, 2007. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/esporte%20escolar.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

SARTRE, Jean-paul. **A transcendência do ego**. Petrópolis: Vozes, 1936.

SARTRE, Jean-paul. **O ser e o nada - ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 1943.

SARTRE, Jean-paul. **LesMots**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. Tradução de: J. Guinsburg.

SARTRE, Jean- Paul. **Questão de método**. Tradução de Bento Prado Júnior. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural , 1987 (p. 110-191)

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. O Método Biográfico em Sartre: contribuições do Existencialismo para a Psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 8, p.289-308, 2008.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1994. 119 p.

VAGO, Tarcísio Mauro. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p.4-17, jul./dez. 1996.

ZANELA et al. (org.) **Proposta curricular da rede municipal de Florianópolis**. Florianópolis, PMF/SME, 2016.

APÊNDICE I

Questionário pré-teste.

Florianópolis, Março de 2017

TURMA:

SEXO: () FEMININO

() MASCULINO

Autodenominação étnico racial: () branco () negro () pardo () índio () oriental.

1. VOCÊ PARTICIPOU DAS OLÍMPIADAS/ JOGOS ESCOLARES NOS ANOS ANTERIORES? SE SIM, O QUE VOCÊ FEZ?

() JOGOU

() FICOU NA TORCIDA

() FICOU EM CASA

2. QUAL SEU INTERESSE PELAS OLIMPIADAS / JOGOS ESCOLARES?

a) () MUITO

a) () MAIS OU MENOS

b) () NENHUM

3. O QUE É MAIS IMPORTANTE NAS OLIMPIADAS / JOGOS ESCOLARES?

() JOGAR – COMPETIR

() VENCER – GANHAR MEDALHAS

() PARTICIPAR – DIVERTIR-SE

() ENCONTRAR OS AMIGOS

() OUTRO: _____

4. DAS ATIVIDADES ABAIXO, O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NA SEMANA DOS JOGOS ESCOLARES?(Assinalar no mínimo três alternativas)

- a) () DANÇA: batalha de dança e apresentação
- b) () SKATE
- c) () VOLEI (adaptado)
- d) () FUTVOLEI
- e) () CORRIDAS: velocidade/revezamento/resistência
- f) () JOGOS ONLINE
- g) () QUEIMADA
- h) () PIC-BANDEIRA
- i) () XADREZ
- j) () TENIS DE MESA
- k) () HANDEBOL
- l) () SALTOS: em altura e distância
- m) () FUTSAL
- n) () TACO
- o) () BASQUETE
- p) () BRINCADEIRAS: chute a gol com venda; arremessos livres; dança das cadeiras; jogo dos números, etc
- q) () BATALHA DE MC'S
- r) () Outras. Quais? _____

5. DAS ATIVIDADES ABAIXO, O QUE VOCÊ **NÃO** GOSTARIA QUE TIVESSE NA SEMANA DOS JOGOS ESCOLARES? (Assinalar no mínimo três alternativas)

- a) () DANÇA: batalha de dança e apresentação.
- b) () SKATE
- c) () VOLEI (adaptado)

- d) () FUTVOLEI
- e) () CORRIDAS: velocidade/revezamento/resistência
- f) () JOGOS ONLINE
- g) () QUEIMADA
- h) () PIC-BANDEIRA
- i) () XADREZ
- j) () TENIS DE MESA
- k) () HANDEBOL
- l) () SALTOS: em altura e distância
- m) () FUTSAL
- n) () TACO
- o) () BASQUETE
- p) () BRINCADEIRAS: chute a gol com venda; arremessos livres; dança das cadeiras; jogo dos números, etc
- q) () BATALHA DE MC'S
- r) () Outras. Quais? _____

6. VOCÊ TERIA ALGUMA OUTRA SUGESTÃO PARA AS OLIMPIADAS / JOGOS ESCOLARES DESTE ANO?

APÊNDICE II

Questionário pós-teste e válido.

Florianópolis, Abril de 2017

Código:

Turma:

Gênero: () Feminino () Masculino

Autodenominação étnico racial: () branco () negro () pardo () índio () oriental.

1. Você gosta das Olimpíadas/Jogos Escolares na Escola Beatriz?

() Sim

() Mais ou menos

() Não

2. O que você fez nas Olimpíadas/Jogos Escolares do ano passado? Por que?

3. O que é mais importante nas Olimpíadas/Jogos Escolares?

() Jogar - Competir

() Vencer – Ganhar Medalhas

() Participar – Divertir-se

() Encontrar os amigos

() Outro: _____

4. O que você gostaria que tivesse nas próximas Olimpíadas/Jogos Escolares?

5. O que você **NÃO** gosta nas Olimpíadas/Jogos Escolares?

6. O que você **MAIS** gosta nas Olimpíadas/Jogos Escolares?

7. Você teria alguma sugestão para as Olimpíadas/Jogos Escolares deste ano?

APÊNDICE III

Transcrição da Entrevista I

Entrevistado: Jaime

Data: 01/11/2018

Local: Escola Municipal

Maria: Então, aqui na entrevista eu vou usar teu nome, mas aí na hora da transcrição eu uso um nome fictício, tá?

Jaime: Tá.

Maria: Então, entrevista com o Jaime, 1º de novembro, as oito e quarenta, no horário da aula da educação física. Então alguns dados que eu preciso para a gente começar: o local que tu nasceste?

Jaime: Nasci aqui mesmo, em Florianópolis.

Maria: E hoje, continua morando aqui?

Jaime: Sim.

Maria: Mora em qual bairro?

Jaime: Pantanal.

Maria: Aqui no Pantanal. Por onde aqui?

Jaime: Aqui em cima, no morro aqui.

Maria: Qual tua idade:

Jaime: 15.

Maria: Autodenominação: branco, negro, pardo, índio...?

Jaime: Eu sou negro.

Maria: E a formação dos teus pais?

Jaime: Se eles estão juntos, assim?

Maria: Não, a formação, ou seja, se eles se formaram no ensino médio, ensino fundamental...

Jaime: Ah sim. Não. Meu pai sim foi até o terceiro, minha mãe foi até o 6º ano.

Maria: E no quê eles trabalham atualmente?

Jaime: Uma é faxineira, e um acho que é correspondente de balcão, alguma coisa assim.

Maria: E de maneira geral, o que tu gosta de fazer no teu tempo livre, no teu lazer?

Jaime: Gosto de mexer no celular e jogar bola.

Maria: Então para a gente começar eu queria que tu me contasses um pouquinho de como que é o teu dia-a-dia? Tu acordas, vem para a escola, e como que é o decorrer do teu dia, o que tu faz?

Jaime: Uhum. Segunda-feira, toda semana tenho o treino na escolinha da FairPlay no Avaí e eu acordo de manhã, venho para a escola, a tarde eu almoço e depois vou pro jogo. Depois do

jogo eu volto, venho para casa, durmo. Daí toda essa rotina eu faço terça e quinta-feira. Daí na quarta-feira eu tenho um grupo de amigos, que a gente fez um time, que nós jogamos toda a quarta-feira na UFSC, daí a gente fica fazendo... A gente está numa liga, daí a gente tem que todo dia na semana tem que treinar. Daí a gente treina, daí a gente faz todo dia, toda noite, que é um lugar bom assim, que está... não tem muito sol, mas é muito bom de treinar. Daí a gente treina.

Maria: Na UFSC?

Jaime: Sim. Na areia, sabe?

Maria: Sei.

Jaime: Aham. Daí a gente treina lá.

Maria: E são teus colegas de treino ou da escola?

Jaime: Não. De sala de aula, de treino, de tudo. Eu não conhecia muitas pessoas, daí meus amigos que eu conhecia chamaram gente, daí a gente tem entrosamento assim.

Maria: E na maior parte do tempo então tu estás ou treinando, ou na escola...?

Jaime: É. Ou jogando bola assim.

Maria: E em relação ao teu deslocamento a esses lugares, treino, escola... A tudo.

Jaime: Eu vou de ônibus para o meu treino que é lá no Avaí.

Maria: Lá na Ressacada?

Jaime: Sim. Daí eu vou de ônibus, às vezes meu pai me leva de carro, mas quando não ta chovendo, daí ele me leva. Daí no treino eu vou a pé porque é muito perto de minha casa, é bem pertinho, daí eu treino ali.

Maria: E como que é em relação em casa? Com quem tu moras, como que é tua rotina dentro de casa?

Jaime: Eu moro com minha mãe e com meu pai e com minhas duas irmãs. Daí meu pai era separado só que daí minha mãe voltou a falar com meu pai, agora eles estão juntos. Foi uma notícia muito boa que a gente teve.

Maria: Quantos anos têm tuas irmãs?

Jaime: A minha irmã tem um de dez e uma de 11.

Maria: E o treinamento, quem que mediu esse teu gosto por futebol, como é que começou esse treinamento?

Jaime: Começou quando eu era pequeno, meu pai me levou para... Começou a me incentivar a jogar bola, na escolinha lá do Belmonte que era ali no Avaí. Daí eu entrei com seis anos de idade. Daí eu comecei a gostar de futebol. Daí até hoje eu estou jogando bola. Eu passei pelo Avaí do Belmonte, depois fui para o Marcelinho que era um time lá, daí depois fui para o Vasquinho, do Vasquinho eu fui para o Avaí da FairPlay. Daí agora eu estou me dedicando bastante aos meus treinos e se Deus quiser eu posso ser jogador de futebol.

Maria: É como se fosse categoria de base o treino?

Jaime: Aham. Sim, eu fui fazer avaliação daí eu treinei com jogadores da base. Foi... É, está acontecendo ainda, eles fazer avaliação no Avaí, daí se passar eles ficam lá.

Maria: Entendi. E quais são as exigências que têm? Do treinamento assim, tem alguma coisa que tu não possa fazer fora, em casa, na escola, ou alguma coisa que tu tenhas que fazer por causa do treino? Tem alguma exigência?

Jaime: Tem. Tem tipo, não pode ficar faltando aula, porque se ficar faltando aula, desrespeitando em casa eles tiram. Tem uma listinha, se não se comportar a pessoa pode perder ponto e sair de bobeira da base. Eles exigem bastante a nota, a nota em sala de aula, comportamento em casa e se dedicar bastante nos treinos.

Maria: E em casa assim, em relação a esse treino, sempre teve apoio dos teus pais, da tua família? Desde o começo?

Jaime: Sim. Bastante, desde o começo que meu pai ficou sabendo dessa escolinha da FairPlay ele quis me botar, porque na outra escolinha não tava dando certo porque eu tinha muito amigo que me levava para o caminho mal, assim, não queria que eu fosse jogar bola, daí eu saí daquela escolinha eu fui para a outra. Daí meu pai e minha mãe sempre me incentivaram bastante, desde pequeno, assim, de jogar bola.

Maria: E essa situação que tu comentaste da separação dos teus pais interferiu de alguma maneira no teu treino?

Jaime: Não. Não interferiu. Meu pai começou, ficou ainda pagando os treinos lá para mim, que eu jogava no Marcelinho ainda, daí ficou começando a pagar os treinos para mim, nunca deixou nenhum mês de pagar. Daí depois quando eles voltaram aí sim eu fui pro Avaí da FairPlay, daí eu comecei a jogar bola.

Maria: E esse que tu estás agora é pago também ou não?

Jaime: Sim, é pago. Mas daí eu vi é bem melhor do que as escolinhas que eu já passei, tem bastante físico, a gente sai para jogar em bastantes lugares.

((interrupção)) [07:22] a [07:36]

Maria: E são quantas horas de treino por dia?

Jaime: São duas horas e meia de treino.

Maria: Duas vezes na semana ou três?

Jaime: Sim. Três. Terça, quinta e sexta-feira. Daí sexta-feira no campo, a gente treina no society.

Maria: E na escola, como que é tua relação na escola com as outras disciplinas que não sejam educação física?

Jaime: Olha, eu sou muito bom em história, ciências, assim, mas uma matéria que (hipótese de fala) [08:10] eu me dou bem é matemática.

Maria: Tu gostas?

Jaime: Não, matemática eu não gosto muito.

Maria: Não gosta? Das outras tu gostas?

Jaime: Uhum.

Maria: E em relação à educação física, com o esporte na escola, como que é tua relação?

Jaime: Ah, é bem boa assim. A professora me, ela dedica bastante tempo do trabalho dela para mostrar coisa nova para a gente na educação física. Não tem muitas vezes futebol, mas mesmo assim eu gosto de educação física, é uma matéria que eu gosto bastante.

Maria: Mas, tu fazes todas as aulas, como que é a aula de educação física, qual diferença que tu notas da aula e do teu treino?

Jaime: Acho que é mais pessoas que não sabem, que não curtem muito futebol tentam jogar também, que gostam de outro esporte assim, vejo que é mais companheirismo com a gente mesmo, que no treino do... No nosso treino a gente não tem muito isso né, que muitas pessoas jogam por si às vezes, ali não, ali é mais coletivo, mais igualdade, eu acho que é bem melhor.

Maria: Tu preferes a aula?

Jaime: Não, eu prefiro a aula, os dois né, a gente aprende bastante nos dois.

Maria: Descreve para mim como é o treino, tenta me explicar as atividades, como é do começo ao fim.

Jaime: Do... Da...

Maria: Lá da escolinha.

Jaime: Ah, o treino da escolinha é as duas semanas, os dois primeiros dias da semana é físico. A gente treina bastante coordenação motora, alongamento assim bastante, porque a gente não pode dar contusão no jogo. Bastante gente tem câibra, mas o professor dá o jeito de ajudar a gente, ele traz peso para gente erguer, ele deixa a gente correr dez minutos, correndo pela quadra para a gente perder bastante massa, e é muito legal. A gente aprende bastante ali.

Maria: E no final, sempre tem um jogo? Mesmo no físico?

Jaime: Sim, tem jogo sim, para pegar ritmo para ir para os jogos no campeonato.

Maria: E na sexta-feira daí é o jogo...?

Jaime: Sim, na sexta-feira é o jogo no campo, daí é mais, a gente pode correr mais, a gente pode tocar mais a bola, no society é mais pequeno, é mais toque de bola e chutar ao gol, no campo não, tu tem mais liberdade para chutar, para finalizar assim.

Maria: E campeonato já participou algum?

Jaime: Sim, eu já fui campeão por um campeonato que foi no Belmonte quando eu tinha 13 anos eu fui campeão, a gente ganhou de um time lá por nove a zero, a gente ganhou do time e fomos campeões. Daí eu ergui até o troféu. Na escola também eu ganhei medalhas assim, mas o campeonato a gente está começando agora o metropolitano e a gente começou perdendo. Mas é muito legal. Está sendo legal ainda.

Maria: Há quanto tempo que tu estás nessa escolinha, agora?

Jaime: Vai fazer cinco meses já.

Maria: E no verão continua ou para?

Jaime: Não, no verão continua ainda.

Maria: E em relação às tuas irmãs, tu tenta ensinar elas a jogar em casa, como que é?

Jaime: Sim. Incentivo bastante minha irmã pequena porque ela, a professora já elogiou ela bastante por causa da velocidade dela, que que ela tem pelo futebol que ela gosta bastante. Também ensino um pouco do que eu sei para elas, para elas também aprenderem, se elas quiserem seguir o caminho mesmo que eu, tentar também. Eu ensino bastante.

Maria: E tu vês futuro como jogador?

Jaime: Sim. Eu vejo futuro como jogador de futebol.

Maria: E o que tu estás fazendo assim, o que achas que tem feito para conseguir ser jogador? O que achas que está contribuindo?

Jaime: Eu estou me dedicando bastante aos treinos, minhas notas começaram a subir um pouco, porque eu já estava com nota caindo, o comportamento em casa também ajuda e é isso, e eu estou, é os professores também me elogiaram bastante e eu vou continuar me dedicando bastante para ir aos treinos assim, isso que eu acho eu to contribuindo bastante.

Maria: Qual é tua posição?

Jaime: Eu sou atacante ponta esquerda.

Maria: Mas é só society, não?

Jaime: Não, o treino é para futebol de campo.

Maria: E tu não se sente cansado com essa carga de treino?

Jaime: Não. É uma coisa que eu gosto bastante, então eu não me sinto muito cansado.

Maria: E em relação à alimentação, assim, tu consegues suprir bem...? Porque nesse tempo que tu ficas fora de casa como que tu fazes?

Jaime: Não. Sim eu sempre levo um dinheiro para eu comprar alguma coisa para comer, daí quando chego em casa já tem comida pronta, daí eu já como, já durmo bastante, já durmo né, e sempre tem uma comida a mais para comer assim, bastante coisa, eu como bastante antes de jogar bola.

Maria: Entendi. E quantas horas de sono por dia que tu tens em média?

Jaime: Sim, eu tenho... Quando eu tenho tempo livre eu durmo bastante, eu durmo duas horas e meia por aí à tarde, mas quando eu vou dormir eu costumo dormir às nove horas, daí eu tenho mais ou menos umas oito, nove horas de sono.

Maria: E tu tiras algum tempo em casa para estudar? Ou faz tudo aqui (na escola)?

Jaime: Às vezes. Eu estudo bastante aqui na escola, em casa não muito.

Maria: Mas então tu tens uma facilidade para conseguir fazer tudo aqui. Estudar para as provas e tal, trabalhos, como é que tu fazes?

Jaime: Sim. Quando tem prova eu tento dar uma revisão antes em casa, ou trabalho eu tento fazer aqui, fazer na escola, já que eu tenho treino, daí eu faço trabalho aqui mesmo na escola para no outro dia já estar preparado para a prova ou trabalho.

Maria: E a relação com teus amigos que não treinam nessa mesma escolinha que tu, como que é?

Jaime: É, a relação é igual.

((interrupção)) [14:37] a [14:51]

Maria: A relação com teus amigos que não treinam...

Jaime: Ah tá. A relação é igual só que eu vejo que eu me, que eu estou mais preparado que eles, quando eu jogo bola com eles eu estou mais preparado porque eu treino redobrado na escolinha, daí eu vejo que estou mais preparado que eles, eles incentivam também bastante a jogar bola, continuar, é uma coisa que eles gostam também.

Maria: Eles de te chamar então, para jogar junto...

Jaime: Sim, nos times assim que a gente joga, nos campeonatos.

Maria: E o que te faz ir para o treino, ir para a escola, depois jogar com teus amigos, o que te mobiliza, o que faz tu acordar e dizer assim: ah eu quero ir para a escola, eu quero treinar?

Jaime: Ah, o incentivo da minha mãe né, que ela me incentiva bastante para ir para a escola, para a escola é quase que uma obrigação minha, não falto quase todo dia, só falto quando... Tem minhas irmãs também que tem que ir para olhar elas, para ver se elas estão se comportando, se não aconteceu alguma coisa com elas, qualquer coisa elas podem vir falar comigo. Daí é isso que me incentiva bastante. Daí nos treinos também meu pai me incentiva bastante a ir. Quando eu não quero ir às vezes é porque eu to com dor, às vezes dor na perna, daí eu não consigo andar, daí eu fico em casa repousando. O professor pede para a gente ficar fazendo físico. Eu tenho até uns negócios lá em casa para fazer também, quando eu estou lesionado. Daí a gente fica fazendo físico em casa já que eu não fui para a escolinha.

Maria: Já aconteceu alguma lesão mais grave contigo? Quanto tempo que tu tens que ficar de repouso?

Jaime: Ainda não aconteceu, só aconteceu, acho que foi mês passado que eu tinha... Eu não quebrei nenhuma parte do meu corpo ainda, mas tinha acontecido que o meu joelho tinha, meu pé tinha inchado daí eu tive que ficar duas semanas com gelo na perna e passando Gelol bastante, daí o professor falou que era para eu ficar três semanas e meia em casa de repouso sem jogar futebol, tipo porque eu jogo futebol todo sábado com meus amigos, daí eu tive que parar de ir para ficar em casa me dedicando ao repouso. Daí para mim é fácil voltar a jogar bola duas, três semanas quando eu machuco a perna ou alguma coisa assim, nunca tive uma lesão muito grave.

Maria: E qual é tua relação com teu treinador? Como que é?

Jaime: A relação nossa é muito boa. Ele pede pra mim... Ele briga comigo às vezes quando está errado, ele fala que está certo ou que tem que melhorar assim. É uma relação muito sadia eu e ele, ele fala que tem que: "Ó tem que melhorar isso e isso está bom e não sei o que." Nossa relação é muito boa.

Maria: E durante o treino, ele foca só no treino ali, no futebol ou ele traz alguma relação com escola, com amigos... Como que é?

Jaime: Sim. Ele faz a relação dos dois né, ele fala como a gente está na escola, se está indo para a escola, se está estudando, se saiu da escola.

Maria: Tem essa exigência também...

Jaime: Sim. Tem essa exigência aí, boletim também, tem que mostrar bastante coisa.

Maria: E nos teus treinos, alguém da tua família assiste quando teu pai te leva ou não?

Jaime: Sim. Às vezes a minha mãe, às vezes o meu pai, mas agora por enquanto não está indo nenhum dos dois porque eles estão trabalhando. Meu teve uma cirurgia aí que ele ficou um mês sem poder andar daí ele voltou agora. Daí só está indo por enquanto meu pai ainda ver eu jogar bola.

Maria: Teu pai joga?

Jaime: Meu pai já jogou, minha mãe era para ser jogadora de futebol só que daí...

Maria: Ela era profissional?

Jaime: Sim. Ela jogou no futebol amador. Daí, só que ela não foi adiante porque eu tinha nascido, daí ela não jogou mais bola.

Maria: Com quantos anos ela parou?

Jaime: Ela parou com, acho que foi com 16 anos ela começou a jogar bola e com 20 e pouco ela parou de jogar bola.

Maria: Aqui em Floripa mesmo isso?

Jaime: Não. Foi no Paraná.

Maria: E o teu pai não, só por lazer?

Jaime: Não, meu pai não. Sim.

Maria: Então ela teve que parar por conta da gravidez e depois ela não voltou?

Jaime: Não. Depois ela não voltou.

Maria: Entendi. Então todo esse teu movimento de treinar tu visa ser jogador. E como jogador em quem tu te espelhas? Por quê?

Jaime: Eu me inspiro bastante no centroavante do Avaí que ele é um, que eu conhecia ele, que era o Rômulo, eu conhecia ele, eu via ele jogando bola, ele cortava o cabelo às vezes comigo, daí me inspiro bastante nele porque ele subiu da base foi para o profissional, daí foi pra mim nunca desisti do meu sonho que é, tem que seguir em frente e não sei o que. Ah, mas eu me inspiro bastante nele porque eu vi ele jogar bola, eu vi ele subir do amador para o futebol profissional, daí eu me inspiro bastante nele.

Maria: Falando da tua mãe de novo, que tu falaste que ela treinou. E os pais dela, teus avós, tu conheceu?

Jaime: Não, eu não conheci. Eles faleceram antes de, um mês depois que eu tinha nascido.

Maria: E eles apoiavam?

Jaime: Sim. Não. Minha avó apoiava minha mãe, só que meu avô era muito preconceituoso assim, ele não gostava muito que minha mãe jogasse bola, mas ele até que deixou ela jogar bola um pouco, daí quando eu nasci eles faleceram e minha mãe se mudou. Foi uma coisa muito diferente assim, que eu nunca tinha conhecido quando minha falou que meu avô não deixava ela jogar bola.

Maria: Eles morreram de que?

Jaime: Foi para cardíaca.

Maria: Nos dois?

Jaime: Não. Só na minha avó e no meu avô eu não sei ainda, não perguntei para minha mãe.

Maria: E os avós por parte de pai?

Jaime: Sim. Por parte de pai minha avó está viva ainda.

Maria: O teu pai é daqui? (de Florianópolis).

Jaime: Sim. De Floripa.

Maria: E daí teus avós por parte de pai tu conheceste?

Jaime: Sim.

Maria: E como que é tua relação com eles, assim, com os avós, tios, outros familiares?

Jaime: Eu não tenho... Não. Eu tenho muita relação com a minha avó ainda porque eu vou às vezes na casa dela, mas com outros familiares da família só quando a gente viaja, tem um meio de conversar com eles assim. Mas não dia-a-dia eu converso com eles.

Maria: Então em relação ao teu treino tem algum tipo de conversa?

Jaime: Às vezes sim.

Maria: De maneira geral então o treino... Tu falaste que não sai cansado e tal, mas em relação aos outros colegas que treinam tu vê alguma diferença de ti para eles?

Jaime: Sim, eu vejo uma diferença porque eles têm... Eu fiquei três meses sem jogar bola daí eu voltei agora comecei a jogar na FairPlay, começou há cinco meses, daí eu vi que eles já estão um pouco mais preparados do que eu porque eles treinaram mais do que eu, têm mais entrosamento com os amigos deles, e eu vejo isso, que eles têm mais sintonia com os amigos deles, daí a gente pode saber que é isso que eles têm.

Maria: E porque tu paraste esses três meses?

Jaime: Porque meu pai estava achando uma escolinha para mim daí ele perguntou se eu queria ir para uma escolinha do Vasquinho, daí eu falei que eu ia tentar lá, mas eu não gostei porque lá era muito ruim, porque quando chovesse não tinha treino porque era cancelado. Daí eu não quis ir para o treino daí eu fui para o Avaí da FairPlay que lá é tampado, pode passar sol pode fazer chuva que sempre tem treino.

Maria: E as outras escolinhas que tu participaste que tu citaste no começo, qual é a principal diferença entre cada uma, o que tu notaste?

Jaime: Notei que uma era... Que essa aqui que eu estou ela exige mais, que ela é mais... Que ela faz mais viagens do que as outras escolinhas que eu fiz, essa escolinha que eu fiz tinha o campo dela mesmo, que ela podia fazer jogos em todos os sábados, e essa escolinha que eu estou aqui a gente tem que sair para jogar fora a gente não tem campo nosso, mas a gente pode pegar emprestado do Avaí às vezes. Mas daí só uma diferença que a financeira ali, na escolinha que eu estava antigamente era mais barata do que essa que eu estou. Porque essa daqui era, tem gente que ganhava bolsa para jogar ali, tem gente que ganhava desconto para pagar, essa daqui não, essa daqui é mais cara, eu vejo que a exigência é maior, que eles exigem bem mais do jogador.

Maria: E no começo foram teus pais que te levaram para uma escolinha? Como foi para ti chegar na escolinha?

Jaime: Foi meu pai que me levou para eu conhecer a escolinha. Só que daí no primeiro dia eu não gostei, mas aí no segundo dia eu fui indo, fui gostando, e até hoje eu não parei de jogar bola.

Maria: E tu treinaste sempre campo, então?

Jaime: Sim, eu treinei sempre campo e society. Metade da minha infância foi no society daí com 13 anos eu comecei a jogar no campo.

Maria: E campeonatos tu só participas por esse time? Ou tu tens algum outro time fora?

Jaime: Sim, eu tenho outro time que se chama Juventus ele é um time que a gente fez e estamos competindo campeonato na “Paula Ramos”, e o campeão ganha troféu, ganha dinheiro, ganha essas coisas, daí eu estou me dedicando aos dois.

Maria: Quem são as pessoas desse time?

Jaime: São pessoas da minha sala, são pessoas de outras escolas, que treinam com a gente e jogam com a gente lá no campeonato.

Maria: E os outros times desse campeonato são pessoas de que idade, a média?

Jaime: De que 15 anos a 16.

Maria: Ah tá, tem uma categoria?

Jaime: Sim.

Maria: E esse time está desde quanto treinando junto?

Jaime: Está desde dois meses já, vai fazer.

Maria: E quem que tomou a iniciativa de fazer um time?

Jaime: Foi um amigo nosso da sala e um professor nosso (hipótese de fala) [26:04] roupeiro do Avaí.

Maria: Então tu tens a liberdade de treinar nessa escolinha e também poder participar desse outro time? E tu podes competir pelos dois?

Jaime: Sim. Aham.

Maria: E em algumas palavras, o que tu sentes que muda na tua vida com o treinamento, o que contribui na tua vida, que te ajuda?

Jaime: Me ajuda bastante... Uma coisa que eu não sabia que eu estou aprendendo agora que é mais coletivo, companheirismo assim, e uma coisa que eu queria fazer era levar o jogo junto comigo, agora que eu entrei nessa escolinha e percebi que não é só um jogador que faz a diferença é o time todo que tem que tocar a bola, pensar no jogo, isso daí que eu aprendi bastante e que estou aprendendo agora.

Maria: E ponto negativo, tu vê algum?

Jaime: Não, não vejo nenhum.

Maria: Pra ti o treino está ok.

Jaime: Está ok.

Maria: Então é isso, vamos fechar aqui, tem mais alguma coisa que tu queiras falar em relação ao treino, escola, família...

Jaime: Ah os três estão tudo ótimo ainda tomara que continue assim. E é só isso.

Maria: E quando é que tem... A categoria de base do Avaí, com quantos anos que entra?

Jaime: Já pode entrar com 13 anos a 17.

Maria: E a peneira é anual, como é?

Jaime: Sim, a peneira ela funciona pela inscrição no site do Avaí. O jogador que passa já ganha dinheiro e não precisa fazer avaliação nada, já entre para o time principal, que é o time da base já, daí já pode ficar lá fazendo os treinos.

Maria: E como faz para passar? É um jogo?

Jaime: Sim, é um jogo onde tem três sub, que é o sub 13, o 14 e o 16.

Maria: Já participou de algum?

Jaime: Sim, eu já participei de uma peneira do Avaí que foi realizada no campo do Avaí também, que foi a inscrição que um amigo fez para mim. Daí eu fui, só que daí eles só colocaram a melhor pessoa que passou no site do Avaí, daí eles não falam na hora eles falam depois, eles botam no site do Avaí.

Maria: E foi quando?

Jaime: Foi lá para... No comecinho do ano.

Maria: Desse ano?

Jaime: Sim, lá perto de fevereiro, por aí.

Maria: E como é que foi?

Jaime: Eu participei do jogo, fiz gol também, mas eles só avaliam o jogador pela parte física, técnica, é o que mais... Eles gostam de jogador que se... Zagueiro, meio de campo, que tenha visão de jogo, que toque a bola, daí eles preferiram jogadores assim.

Maria: Foi a única que tu participou na tua vida?

Jaime: Não. Eu participei de uma avaliação que eu ia fazer dois meses que eu fui no Avaí, conheci o estádio do Avaí, onde que é o alojamento, tudo, onde que é a academia deles, daí a gente teve a peneira que a avaliação do Avaí lá, daí passou um zagueiro de Rondônia.

Maria: E só do Avaí ou de algum outro clube que tu participaste de peneira?

Jaime: Não, só do Avaí por enquanto.

Maria: Tu és avaiano?

Jaime: Sim. Torço para o Avaí.

Maria: Sempre ou depois que foi para a escolinha?

Jaime: Sim. Não, foi sempre já, meu pai incentivou a torcer para o Avaí.

Maria: Fostes para a escolinha do Avaí por ser avaiano?

Jaime: Não, para mim não tem essa diferença, para mim o que tem mais perto é o Avaí que é mais fácil para eu chegar, mais perto assim, posso ir de ônibus ou de carro, daí acho que é do Avaí, porque a do Figueira é um pouco, lá no Estreito é muito longe.

Maria: E hoje tu consegues ir de ônibus sozinho, mas antes quando tu eras menor como é que tu ias, nas outras escolinhas?

Jaime: Eu ia com meus amigos, eles moravam perto da minha casa, eles me chamavam, a gente ia a pé, ia uma hora mais cedo para ir andando de boa, a gente chegava cedo lá. Daí a gente... Daí eu acho que nunca fui de ônibus, só quando eu fui atrasado daí sim eu peguei ônibus para chegar lá. Mas era bem fácil de chegar à escolinha.

Maria: Era quanto tempo caminhando?

Jaime: Ah, demorava uns 20 minutos.

Maria: Todas as escolinhas anteriores eram perto?

Jaime: Sim, eram perto.

Maria: Finalizamos aqui, mais alguma coisa que queiras falar?

Jaime: Não, só isso.

Maria: É isso.

APÊNDICE IV

Transcrição da Entrevista II

Maria: Em relação aos teus pais que tu comentaste que a tua mãe é faxineira e teu pai é correspondente de balcão. E eu queria saber dos horários deles quanto tempo que eles ficam fora de casa?

Jaime: Meu pai e minha mãe ficam fora de casa... Meu pai fica cinco horas e minha mãe fica seis, sete horas, eu acho.

Maria: E em algum momento tu ficas sozinho com tuas irmãs?

Jaime: Sim, no período um pouquinho da tarde só.

Maria: E a idade deles?

Jaime: Meu pai tem 51 e minha mãe tem 36.

Maria: E em relação às Olimpíadas aqui da escola, tu estás aqui desde o primeiro ano?

Jaime: Sim, desde o primeiro ano.

Maria: E tu participaste de todas, como foi tua participação?

Jaime: Sim, eu participei de todas as Olimpíadas. Desde o primeiro ano, não o primeiro ano não, desde o quinto ano que teve.

Maria: E como que foi? Quantas vezes tu foste campeão do futsal?

Jaime: A gente foi campeão no primeiro ano, no segundo, não, no quinto ano, o primeiro ano nosso né, no sexto, no sétimo a gente ficou em quinto lugar e no oitavo fomos campeões e no futsal a gente foi campeão em todas até agora, e eu ganhei troféu no meu sexto ano de destaque das Olimpíadas.

Maria: Ah, tinha um troféu de destaque, jogador destaque?

Jaime: Sim, e medalha.

Maria: E tu participas das outras modalidades? Ou só do futsal?

Jaime: Não, eu participo do handebol, futsal, pique-bandeira...Participo de todas.

Maria: E tu jogas o tempo todo como que é? Reserva?

Jaime: Revezos com jogadores que estão fora, ou quando eles faltam a gente deixa como ta.

Maria: E tem capitão no time?

Jaime: Não, ainda não.

Maria: Vocês jogam sem?

Jaime: Sem capitão. Só o professor mesmo que ele dá pra nós entender lá, ele é meio capitão para nós.

Maria: E quando tu vens para as Olimpíadas, para jogar, para jogar o futsal, tu vens uniformizado, tu vens com chuteira?

Jaime: Sim, sim. A gente vem com chuteira, meião, short, às vezes caneleira, mas não precisa muito porque a gente tem juiz ali. A gente já vem preparado para jogar.

Maria: Nas Olimpíadas o pique-bandeira é misto. E aí tu joga normal, tu sente alguma diferença, teu engajamento é igual?

Jaime: Não, para mim não faz muita diferença porque as gurias jogam bem também e eu acho mais legal isso, mais coletivo.

Maria: E o que tu acha importante, mais legal nas Olimpíadas? De tudo o que acontece nela.

Jaime: Eu gosto de competir, gosto de ver os alunos que tem a tarde que a gente não vê muito tempo, e gosto de jogar futsal, handebol, todos lá, é bem legal.

Maria: Teu engajamento nos jogos então é grande?

Jaime: Sim, bastante.

Maria: E a tua turma sempre teve gente o suficiente para jogar?

Jaime: Sim, nunca faltou. Só no ano passado que faltou gente para correr no atletismo, daí a gente ficou sem corredor lá.

Maria: E quem puxa a turma para organizar os times? Quem toma iniciativa?

Jaime: Às vezes é o líder da turma, que já tem lá na sala, que a gente escolheu um líder, daí ele fala quem vai jogar às vezes. Mas daí quando falta gente ele não tem que falar nada. Daí a gente bota quem quiser.

Maria: E tu já foste líder da turma alguma vez?

Jaime: Já. Foi no sexto ano.

Maria: Daí tu tomaste essa iniciativa?

Jaime: Sim, de todo mundo jogar.

Maria: Era isso, queria saber como é teu engajamento nas Olimpíadas.